

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano III

ABRIL - JUNHO 1941

N.º 2

A GEOGRAFIA NO CURSO SECUNDÁRIO

Prof. Jorge Zarur

Membro do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia

I — O ENSINO DA GEOGRAFIA E SEUS OBJETIVOS NO CURSO SECUNDÁRIO

1 — CONCEITO DE GEOGRAFIA

Ao examinarmos as credenciais da geografia como ciência, temos que precisar o seu objeto e limitar o seu campo de ação.

Por êsse motivo é que o antigo conceito de geografia como “descrição da superfície terrestre”, não satisfaz, porquanto fica restrito, apenas, a um dos seus setores, tirando-lhe os foros de ciência, que só lhe podem ser conferidos pela preocupação constante de explicar, segundo o pensamento de DE MARTONNE quando afirma que “o cuidado da explicação dá à geografia moderna o seu caráter científico; a dupla preocupação da extensão e da correlação dos fenômenos dão-lhe sua individualidade”.

Os princípios básicos, de localização, de correlação e de explicação, estabelecem o verdadeiro conceito da ciência geográfica.

DE MARTONNE, de acôrdo com os princípios acima enumerados, formula a seguinte definição de geografia: “É o estudo da distribuição na superfície terrestre, dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, das causas dessa distribuição e das relações locais desses fenômenos”.

A geografia, dêsse modo definida, deve ter delimitado o campo de suas investigações. Entretanto, a própria história dessa ciência prova que essa delimitação é difícil, porque, a geografia, nunca se revelou completamente independente: na antiguidade encontramos-na estreitamente ligada às ciências matemáticas, enquanto que modernamente ela muito se aproxima das ciências sociais.

O certo é que a geografia, desde a mais remota antiguidade, era conhecida como o estudo da descrição da terra e se dividia em duas partes; aceitas até hoje em suas linhas gerais: geografia regional e geografia geral. Uma procedia por análise, a outra tentava a síntese necessária

à visão de conjunto. A primeira essencialmente descritiva, estudava o meio físico, as raças, as migrações dos povos, seus costumes e suas instituições. Seu desenvolvimento foi favorecido pelas guerras, sobretudo as de conquista e teve como figuras representativas POLÍBIO e ESTRABÃO. A segunda foi criação dos filósofos Jônios, à frente dos quais destaca-se TALES DE MILETO.

Na antiguidade, a geografia regional e geral, progrediam paralelamente, de maneira diversa do que ocorre na geografia moderna, na qual êsses dois ramos caminham mantendo uma ínter-relação, graças aos trabalhos de RITTER, HUMBOLDT e RATZEL.

2 — EVOLUÇÃO DO ENSINO DA GEOGRAFIA

Procurando traçar, nas suas linhas gerais, a formação da geografia, sua metodologia e seu desenvolvimento, assinalaremos a influência dos geógrafos e dos educadores, desde a antiguidade até os nossos dias.

O ensino é uma das artes mais conservadoras; geralmente é o último elemento a reconhecer e adotar os princípios estabelecidos pela ciência. Para GIBBS, “o desenvolvimento didático de uma ciência ou de um estudo em geral, passa inteiramente pelas mesmas fases da própria ciência, mas, na maioria das vezes, com grande atraso”.

O que é verdadeiro para todos os ramos da educação, ainda é mais notado na geografia, que foi sempre estudada e ensinada, sem respeitar métodos pedagógicos nem princípios psicológicos.

Na antiguidade, a geografia estava no período de formação e não existia como ciência isolada; estava ora combinada com a história ora com a geometria e a astronomia.

O ensino da geografia, nesta fase, deve ter sido ocasional e feito nos momentos em que se tornava necessário à história, à geometria e à astronomia.

ESTRABÃO criticou o método dos “antigos geógrafos” e assinalou a importância do ensino da geografia pela observação direta. Recomendava êle o uso de fábulas e lendas para amenizar o ensino, vendo em seu tempo, genialmente, o problema de motivação da aprendizagem na geografia, com uma grande intuição psicológica, quando afirmou: “Com as crianças temos de usar os recursos de juntar o admirável ao maravilhoso; depois, na idade madura, o espírito mais potente não necessita de tais estímulos, por estar completamente preparado para o estudo da realidade”.

O meio lembrado pelo “pai da geografia” foi mal empregado, e as lendas e os contos foram recebidos como verdades pelos adultos durante as idades supersticiosas e contemplativas da humanidade até os tempos modernos.

A *idade média* caracterizou-se por um declínio em tôdas as ciências. Os trabalhos geográficos foram reproduções e compilações dos clássicos.

O cristianismo teve influência preponderante sobre a concepção medieval do mundo e da cultura. As teorias dos antigos eram aceites sempre que não estivessem em contradição com as opiniões bíblicas e o “Antigo Testamento” serviu de motivo para dissertações sobre o aspecto físico da Terra.

A geografia era ensinada pelos livros de ESTRABÃO e de PTOLOMEU, ensino esse feito em conexão com a geometria, astronomia, história e religião.

A principal novidade didáctica introduzida no ensino da geografia foi o uso, em pequena escala, de mapas e globos.

O *Renascimento* presenciou a reacção clássica e pagã, baseada em novos estudos da antiguidade, contra o ideal da idade média.

Nessa fase da vida da humanidade, a geografia regional não progrediu como devia pela falta de contacto com a geografia geral.

O ensino da geografia, nessa época, não se encontrava ainda sistematizado, e era posto a serviço de outros ramos da actividade intelectual do homem.

Os grandes movimentos marítimos que culminaram nos tempos modernos, mas que se vinham processando desde o Renascimento italiano, obrigaram a um estudo mais ou menos detalhado da geografia do mundo então conhecido.

Em Portugal, quando o infante D. HENRIQUE fundou a Escola de Sagres, a geografia também começou a ser estudada especialmente sob o aspecto cartográfico. Fato semelhante ocorria em outros países europeus, do que dão prova o globo de MARTIM BEHAIM e a grande abundância de cartas que então apareceram.

E' bem difícil dar uma impressão exata do ensino da geografia nos tempos modernos e contemporâneos, visto como os educadores e os geógrafos que surgiram nessas épocas se utilizaram de métodos ou processos variados.

Procuraremos dar uma idéia geral dos métodos empregados pelos principais vultos da geografia e da educação nessas duas fases.

Começaremos por COMÊNIO, que foi o criador do ensino da geografia local pela observação pessoal, induzindo as escolas alemãs a adotar esses estudos. Realçou de início a geografia da própria pátria e a utilização de gravuras.

Foi COMÊNIO o primeiro a reconhecer que a geografia deveria ser ensinada desde a escola primária. Praticava o método chamado sintético, que atende à capacidade mental e ao interesse do educando.

LOCKE — Considerava a geografia como ciência de observação, e insistiu no uso dos mapas e globos.

O método empregado por LOCKE é contrário ao de COMÊNIO, pois partia do estudo do mundo para o estudo da localidade, fazendo-o nos mapas e globos sem contacto direto com a natureza.

FRANCKE — Fez com que a geografia fôsse estudada independentemente das outras ciências. Foi o primeiro a excursionar com os alunos. Combinou o ensino da geografia com leituras de notícias de viagens, fazendo com que os alunos localizassem nos mapas os lugares citados.

Baseava o estudo da geografia em cinco princípios: 1.º — Sobretudo *non multa sed multum*; 2.º — O aluno deve conhecer primeiro as divisões políticas; 3.º — Deve aprender os nomes dos lugares, repetí-los em série e encontrá-los nos mapas; 4.º — Os limites, os rios, as capitais e as cidades, devem ser estudados; 5.º — Os aspectos físico, histórico, político e eclesiástico das regiões afastadas devem ser aprendidos.

ROUSSEAU combateu violentamente o método de FRANCKE e aconselhou que o ensino da geografia deveria começar pela observação dos lugares, dos sítios e dos arredores.

Com ROUSSEAU a didática da geografia insurgiu-se contra o formalismo e o apêgo aos livros tradicionais e são dele as seguintes idéias: “O ensino da geografia deve começar com a casa e o lugar da residência; o aluno deve traçar mapas do que o rodeia, para compreender como se fazem e o que indicam; para EMÍLIO os primeiros pontos de geografia devem ser a cidade onde se vive, a residência de seus pais, os lugares imediatos e o rio da localidade”.

BASEDOW — Foi o autor do primeiro compêndio ilustrado de geografia. Desejava que todos os sentidos se exercitassem. Fazia as explicações acompanhadas de mapas, modelos, lâminas, produtos e gravuras, formando com os alunos, o museu escolar.

Construiu dois hemisférios em um campo extenso e os alunos passeavam e brincavam sôbre êles.

Assinalou a relação existente entre a atividade humana e o meio geográfico, impulsionando a antropologia geográfica que mais tarde serviu de base para RITTER.

PESTALOZZI — No ensino da geografia, não seguiu o que pregava. Não empregou o material didático, e as suas teorias sôbre psicologia infantil não foram aplicadas. O seu método, no ensino da geografia, foi muito formal.

Fazia os alunos decorarem listas alfabéticas de nomes de lugares, antes que aprendessem alguma coisa a respeito deles.

A geografia, porém, deve-lhe a ação de seus discípulos que usaram bem as suas idéias. PESTALOZZI foi, no ensino da geografia, um inspirador, mais do que um executor das idéias que pregava. FROEBEL e RITTER visitaram o educador, bebendo em suas teorias fundamentos para o ensino da geografia.

GEDIKE — Além de usar um método que consistia numa síntese dos métodos utilizados no seu tempo, procurou adaptar o ensino da geografia às idades das crianças.

RITTER — Reuniu em si duas qualidades: a de professor e a de cientista.

E' considerado um dos fundadores da geografia atual. Compene-trado da íntima relação entre o homem e a natureza, uniu de forma orgânica o aglomerado de fatos desconexos que havia até sua época.

Foi RITTER o criador da expressão “geografia comparada” e quem tornou a geografia uma disciplina cultural. Ensinou e pregou os métodos de PESTALOZZI.

Ninguém como êle influiu na formação da ciência geográfica e no seu ensino. Chegou à geografia através da história.

HUMBOLDT — Sua obra deixou refletir o seu interêsse pelas ciências naturais, chegando à geografia através delas. Realçou o aspecto físico da geografia, criou os didáticos perfís verticais, introduziu o estudo comparativo das altitudes, empregou pela primeira vez as linhas isotermas e desenvolveu o estudo da geobotânica.

RATZEL — E' considerado um dos maiores geógrafos e etnógrafos. Realçou os aspectos humanos, estéticos e históricos da geografia. Foi o criador da expressão “antropogeografia”.

RATZEL mostrou a inter-relação da “área cultural” com o “espaço físico”.

MORRIS DAVIS — E' o representante da escola da “nova geografia” que explica características presentes e prevê condições ulteriores. A sua geografia é de caráter evolucionário. Introduziu o conceito do “ciclo vital”.

A escola representada por DAVIS é contrária à de RITTER. Considera a vida do homem, bem como a de tôdas as outras criaturas, quer animais ou vegetais, como uma reação ao meio, determinada pela natureza física.

Aplicou com desenvolvimento os estereogramas.

VIDAL DE LA BLACHE — Foi o renovador do ensino da geografia em França. Formou numerosos discípulos na Faculdade de Letras de Paris e na Escola Normal Superior.

Definiu bem a concepção “do homem como fator geográfico”, que expôs em vários artigos publicados nos *Annales de Géographie*. O seu livro *Principes de Géographie Humaine* é uma obra póstuma, onde se reúnem estudos que deixou manuscritos.

Foi chefe de escola em França.

JEAN BRUNHES — Discípulo de VIDAL DE LA BLACHE, criou um novo conceito sôbre os estudos das relações do homem com a terra.

BRUNHES, como RATZEL, também, fez escola e realizou uma obra pedagógica e científica notável. A sua *La Géographie Humaine*, é uma obra de ricos pensamentos e grandes diretrizes.

E. DE MARTONNE — O maior geógrafo francês da atualidade, de tendências ecléticas, é sobretudo cultor da geografia física.

DE MARTONNE se bate pelo ensino experimental da geografia.

O seu *Traité de Géographie Physique* bem demonstra seus grandes conhecimentos de cientista e de didata.

E' chefe de escola, na França, e muitos geógrafos da atualidade, em sua terra, foram seus discípulos.

P. DEFFONTAINES — E' o discípulo e continuador de BRUNHES. Para êle "a geografia humana traça a grandiosa epopéia do trabalho dos homens na paisagem terrestre". Distingue uma "geografia dinâmica", que se ocupa da "luta dos homens contra os elementos", e uma "geografia estática" que "testemunha os resultados adquiridos". Mostra-nos, ainda, "esta outra face da geografia humana, a geografia da ecologia humana, destinada talvez a tornar-se, no futuro, a mais importante.

E' grande didata e as excursões por êle propostas e organizadas são de grande resultado para o ensino. No Brasil, a sua influência foi enorme, lançando em S. Paulo e no Distrito Federal, como professor de geografia humana nas respectivas universidades, as sementes para o grande desenvolvimento atual da nossa geografia. A nova geração dos estudiosos da geografia no Brasil reflete os seus ensinamentos.

DELGADO DE CARVALHO — No Brasil, a ação do prof. DELGADO DE CARVALHO foi a de revolucionador dos velhos conceitos e dos velhos métodos. Trouxe para o ensino da geografia de nossa terra os pontos de vista mais modernos e mais científicos.

Na sua *Metodologia do Ensino Geográfico* traça as linhas admiráveis da didática da geografia e hoje colhe os frutos que com grandes lutas vem semeando, entre nós, há mais de 30 anos.

Seu grande aliado foi o prof. RAJA GABAGLIA, catedrático de geografia do Colégio Pedro II.

3 — OBJETIVOS DA GEOGRAFIA NO CURSO SECUNDÁRIO

A educação procura ajustar o indivíduo ao seu meio físico e social, tendo em vista o bem comum. Daí decorre que os objetivos do ensino da geografia se devem harmonizar com os objetivos gerais da educação.

As escolas progressistas reconhecem que os vários processos de ajustamento e reajustamento individual fazem com que o educando adquira bases para uma sã cidadania. E' exatamente um dos objetivos principais da geografia preparar o estudante, adaptando-o às condições existentes.

O que é vantajoso, segundo a opinião de R. E. DODGE e de C. R. KIRCHWEY, é pôr o educando a par dos conhecimentos geográficos de utilidade prática. Afirmam estes autores que os objetivos a atingir podem ser apresentados sob dois aspectos: conhecimento dos fatos e dos princípios geográficos; capacidade de usar tais conhecimentos na vida diária, tanto na época escolar, como no período post-escolar.

Este último aspecto é analisado pelo professor F. HOLTZ, quando distingue como objetivos principais no ensino da geografia, no curso secundário, os *objetivos práticos* e os *objetivos culturais*. Na opinião de HOLTZ, são objetivos práticos os conhecimentos das relações locais que podem ser utilizados na vida diária, no mundo comercial e industrial, no conhecimento do próprio país e dos países estrangeiros e no incentivo às simpatias nacionais e internacionais. São objetivos culturais do ensino da geografia: contribuir para o melhor aproveitamento dos elementos e das forças naturais, preparar para melhor apreciação da paisagem e do modo de viver dos povos, procurar estabelecer no educando certos hábitos de pensamento e um modo geográfico de encarar as relações do homem com a Terra.

Não são muito diferentes os objetivos encontrados pelo prof. SOUTHERLAND em seu *Teaching of geography*, quando afirma que a geografia deve auxiliar o ajustamento do educando ao meio físico, econômico, social e político; e deve ser estudada, acrescenta ainda, como base das ciências naturais.

Talvez seja este autor um tanto categórico nas suas afirmações; mais significativos, porém, são os resultados obtidos pela Escola de St. Louis que organizou um inquérito sobre os meios e os objetivos do ensino da geografia no curso secundário. Resultou desse inquérito que os objetivos a atingir são, na opinião dos geógrafos norte-americanos: a compreensão vocacional, a compreensão social e cívica, o enriquecimento da consciência, mediante a visão do ambiente geográfico; a compreensão dos valores convencionais, o conhecimento de fatos geográficos, que todos devem saber e que não devem ser aprendidos apenas na escola.

M. e F. BRANOM, no seu *Teaching of geography*, acrescentam ainda mais, que a geografia deve ter em vista não só o conhecimento dos povos como interpretações adequadas, como também conferir ao indivíduo a capacidade de se ajustar às oportunidades, de desenvolver o sentimento de fraternidade humana, mostrando a interdependência econômica e social em relação às reservas potenciais da Terra, bases verdadeiras da fraternidade universal, e, por fim, fornecer as apreciações estéticas, por meio do contacto direto do educando com as belezas naturais.

Em suma, nota-se como são frequentes as coincidências nas opiniões dos grandes vultos da geografia sobre os objetivos do seu ensino no curso secundário. Podemos concluir que a geografia, neste currículo, tem em mira esclarecer a *interdependência da Terra e do Homem*, fornecendo ao educando o conhecimento do *lugar* em que vive e dos *fatores de inter-*

-*relação* dos fenômenos, revelando-lhe o quadro da realidade geográfica em que vai exercer as suas atividades.

E' assim que o aluno primário, tendo tido como ponto de partida a geografia local e passado para a geografia pátria, poderá estudar no curso secundário, além destes elementos, a geografia dos continentes e dos países, estabelecendo estas ínter-relações fundamentais. Não são outros os objetivos que deve ter o professor secundário no seu ensino da matéria.

As falhas do ensino da geografia são devidas à *falta de objetivos bem definidos*.

Quando o ensino é feito por unidades de trabalho há necessidade do professor distinguir claramente os objetivos gerais e os fins específicos da disciplina.

O educador precisa, pois, apresentar o conteúdo e o material geográfico necessários, de maneira eficiente; deve, para isso, estar senhor da ciência e do método. A êle cabe, em última análise, o papel de *coordenador* e de *orientador*, segundo objetivos claros e definidos e de *animador* para incentivar os estudos, despertando os interesses onde podem ser encontrados.

4 — O ENSINO DA GEOGRAFIA NOS EE.UU., NA INGLATERRA, NA FRANÇA, NA ALEMANHA E NO BRASIL

a) *O ensino da geografia nos EE.UU.*

E' quase impossível ter uma noção de conjunto do ensino da geografia nos EE.UU., porquanto é tal a diversidade de planos lá utilizados que o observador, querendo resumir em pequeno espaço, vê-se na impossibilidade de dar uma vista geral do estudo dessa disciplina na grande república do Norte.

Desde o ensino primário que se vão acentuando os diferentes métodos e planos postos em execução, variações essas que se fazem sentir, não só de estado para estado, como de colégio para colégio.

Embora o nosso trabalho deva ficar adstrito ao ensino da geografia no curso secundário, resolvemos estudar os processos mais comumente postos em prática naquela grande nação, nos três estágios do ensino, dada a multiplicidade de aspectos que êle apresenta nos EE.UU., e na impossibilidade de expor uma vista de conjunto.

Influências que atuaram na formação do estudo da geografia nos EE.UU.

Mais do que na Alemanha e na França, os países de língua inglesa, e especialmente os EE.UU. sofreram a influência da *Antropogeografia* de RATZEL, principalmente a partir do ano de 1910. O grande geógrafo alemão encontrou, na América do Norte, grande campo de desenvolvimento para suas teorias que foram propagadas por MISS SEMPLE, HUNTINGTON, THOMAS, etc..

A geografia, como “ecologia humana”, é defendida por HARLAN BARROWS, da Universidade de Chicago, que se bate pelo ensino por unidades (*units*), sendo essa escola denominada *environmentalist*, que, embora muito atacada atualmente, vem obtendo vitórias.

CARL SAUER defende “a geografia cultural”, isto é, o estudo das áreas de cultura, com fundamento histórico e integração econômica. E é dentro dessas tendências que se agita e se desenvolve a geografia na América do Norte.

A geografia nas universidades dos EE. UU. Como disciplina, a geografia teve uma admissão tardia, quase tanto quanto na Inglaterra, em contraste com o que se deu na Alemanha e na França e isso foi devido ao desenvolvimento do ensino da geologia, que, tinha chamado a si todos os elementos científicos da geografia física. Começavam, porém, alguns professores de história, a dar uma introdução geográfica aos seus cursos, o que de fato era um comêço, mas não era, a bem dizer, um movimento definido.

Houve, porém, uma mudança de atitude nos meios científicos: MORRIS DAVIS, em Harward, iniciou os estudos da fisiografia, separada da geologia; seguido por SHALER, deu a essa “nova disciplina” grande popularidade, e a sua importância foi crescendo. Nas universidades, entretanto, os cursos de geografia não são muito frequentados, pois não há muita procura de professores de geografia para o curso secundário.

A geografia no curso secundário dos EE. UU. Reina a maior diversidade nos programas, currículos e horários. Variam as condições do seu ensino de uma escola a outra. Em regra, porém, é estudada a *geografia física* nos primeiros anos do curso. Nos últimos anos, no “College Course”, predominou, por muito tempo, a fisiografia. A sua importância foi crescendo desmedidamente a partir de 1901. Os compêndios se multiplicaram, cada vez mais detalhados e complexos, até que, recentemente, operou-se uma reação em favor da geografia comercial.

Também está progredindo o método chamado de laboratório (gabinete) que já se generalizou muito, principalmente nas escolas mais bem dotadas financeiramente.

A geografia no curso primário dos EE. UU. Reina a mesma diversidade de currículos e de manuais que se encontra no curso secundário.

Em 1866, os livros, de A. GUYOT marcam o comêço de uma fase transformadora no ensino primário da geografia. Em 1894, o relatório da “National Education Association”, assinala o início de uma nova fase de transformação naqueles estudos.

A disciplina é ensinada do 4.º ao 7.º ano, em geral, e se divide em duas fases: um curso denominado “elementar” e outro chamado “avan-

çado”. O método é o das unidades, e o tema é, em regra, o das regiões naturais do mundo, sendo o lado econômico tratado com maior realce, tão só rigorosamente exigidos do aluno os dados informativos a respeito das diversas regiões (superfície, população, clima, produção, etc.) podendo-se notar, nitidamente, a tendência para o ensino da geografia humana.

b) *O ensino da geografia nas escolas secundárias da Inglaterra*

Não pretendemos expor os caracteres gerais da educação britânica. É bem difícil dar uma idéia precisa de seus sistemas e planos, devido à sua complexidade e ao caráter individualista de seus métodos. Existem, nas diversas regiões das ilhas Britânicas, sistemas educativos que se parecem, mas não são iguais.

Ao professor é dada ampla liberdade para organizar o seu programa que é submetido à crítica do diretor da escola ou à do inspetor da “Board of education”.

Os progressos do ensino da geografia são devidos, principalmente, à criação de uma sociedade de professores de geografia, fundada em 1893, que possui, presentemente, cerca de 3.500 membros.

A sociedade acima citada publicou um trabalho de primeira ordem e de significação mundial, com o título *Memorandum in the Teaching of Geography in Secondary Schools*, onde se estudam com detalhes todos os problemas do ensino secundário da geografia.

O ensino é ministrado, em geral, por professores especializados. Essa especialização é adquirida após quatro anos de curso, sendo o último dedicado à pedagogia.

A geografia acha-se ligada, intimamente, aos “Out-of-School activities” que caracterizam as escolas britânicas, e o seu ensino não se acha ligado ao da história como na França.

Há uma regulamentação ou regra geral quanto ao número de horas semanais, dependendo isso unicamente do diretor do estabelecimento. Há, na realidade, de uma a quatro lições de 45 minutos por semana. Existem escolas onde o ensino da geografia é feito nas três séries e em outras o aluno escolhe, nos exames da “General School”, entre a geografia e a história.

Finalidade do estudo da geografia na escola secundária da Grã Bretanha

São objetivos básicos: 1.º — interessar os alunos na região, nos arredores da escola, no seu país natal, e tanto quanto possível, nos países estrangeiros, mostrando a interdependência entre todos os países do mundo, assim como a importância dos fatores geográficos na história de cada um deles e no seu futuro desenvolvimento; 2.º — iniciar os discípulos nos bons métodos de estudo dos livros clássicos, nos volumes de referência e nas cartas geográficas; encorajar os alunos para leitura de livros que tratem da

geografia; 3.º — dar aos alunos um preparo sólido para o “General Schools examinations” ao têrmo dos cinco primeiros anos do curso, e, eventualmente, preparar os alunos que desejarem prosseguir os seus estudos até a Universidade.

Os métodos de ensino Nos cursos secundários é estudada principalmente a geografia humana, levando-se em conta que os alunos já tenham adquirido as noções básicas de geografia física no curso primário, procura-se despertar a atenção para a interdependência dos fatores do meio físico e a atividade humana, dando-se grande importância ao desenvolvimento comercial e industrial dos diversos países.

Normalmente as aulas são ministradas em uma sala especial provida de material adequado, onde estão expostas ilustrações de caráter geral. O professor dá lições orais, bem como orienta o estudo nos livros clássicos, nos mapas e nos quadros geográficos.

Há aparelhos de projeção e instrumentos necessários para a observação meteorológica e para trabalhos de cartografia.

Os professores e os alunos manuseiam, constantemente, amostras de rochas típicas, produtos naturais e industriais, numerosos *croquis*, cartas, diagramas.

Alguns colégios possuem aparelho de rádio, afim de que os alunos possam ouvir conferências geográficas destinadas, especialmente, às escolas secundárias. São também frequentes as excursões e os trabalhos práticos.

c) *A geografia nas escolas secundárias francesas*

O ensino fortemente centralizado da França, permite que se faça uma apresentação e apreciação do ensino da geografia no ensino secundário.

Os programas oficiais fixam da maneira seguinte os horários e a matéria, para o ensino da geografia nos liceus e colégios franceses.

1.º CICLO

Primeiro ano (Classe de sixième) (1 hora semanal).

1 — Geografia geral física (A Terra no espaço, o relêvo, o clima, hidrografia); Geografia humana (zonas de distribuição da vida, o homem observado nas regiões naturais e no Universo; a descoberta da Terra).

2 — A América.

Segundo ano (Classe de cinquième) (1 hora semanal).

Ásia e Insulíndia — África — (noções de Geografia Física e de Geografia Política e Econômica — relações com a Europa, Oceânia e América).

Terceiro ano (Classe de quatrième).

Os programas deixam ao professor a liberdade de dar à geografia o lugar que julgar útil nas 3 horas dedicadas à história e à geografia.

1 — A França e suas colônias (geografia física, política e econômica), apresentadas pelo quadro regional.

2 — O lugar da França na Europa e no mundo.

Quarto ano (Classe de troisième) (1 hora semanal).

1 — Europa (estudo comparativo de Geografia Física e Etnografia — Estudo particular dos diferentes países — Grandes vias de comunicações européas — relações da Europa com o mundo).

2.º CICLO

Quinto ano (Classe de seconde) (1 hora semanal).

Geografia Geral (elementos de Geografia Física, elementos de Geografia Antropológica — a vida econômica).

Sexto ano (Classe de première) (1 hora semanal).

1 — A França (depois de uma introdução geral ao estudo da Geografia da França, deve ser feito o estudo das grandes regiões naturais).

A população francesa — A vida econômica — As Colônias — A França no mundo.

Curso de filosofia e matemática elementares — (1 hora semanal).

As principais potências do mundo: 1 — Império Britânico; 2 — Bélgica, Países Baixos e suas Colônias; 3 — Alemanha; 4 — A Suíça e os túneis alpinos; 5 — Os países danubianos; 6 — A Itália; 7 — A Polônia; 8 — Rússia Asiática e Européia; 9 — A China e o Japão; 10 — Os Estados Unidos; 11 — O Brasil e a República Argentina; 12 — A vida econômica do Globo.

Pela exposição acima feita vê-se que os programas de geografia, em França, correspondem às necessidades do ensino secundário, visto apresentarem os conhecimentos completos.

Faz-se, assim, o estudo da geografia geral além da geografia das diferentes regiões da França e do estrangeiro.

A divisão do ensino secundário em 2 ciclos, permite ao aluno estudar duas vezes cada questão; naturalmente, os estudos são feitos e dirigidos segundo uma concepção toda diferente adaptada às idades dos educandos. A história e a geografia são ensinadas pelo mesmo professor.

A nosso ver, este programa foi bem concebido, procurando dar aos educandos um conhecimento geográfico básico e completo.

Sentimos que cabe uma crítica sobre a distribuição da matéria e a fazemos em duas perguntas: 1.^a — Será didático iniciar o ensino da geografia pelo estudo da Ásia ou América?; 2.^a — Não seria mais certo e lógico começar pela geografia local e depois a de França?

Podem responder os autores dos programas franceses que o aluno quando chega à “sixième”, já teve 3 anos obrigatórios de escola primária onde estudou a geografia local e da França. O estudo das partes do mundo na “sixième” e na “cinquième” pode oferecer uma ilustração concreta das noções elementares da geografia geral recebidas anteriormente.

Ao segundo ciclo não se pode fazer uma crítica idêntica.

O progresso considerável da geografia fez com que os educadores franceses fizessem entrar no ensino secundário a concepção da geografia geral ciência que descreve e explica todos os fenômenos físicos e humanos na superfície do Globo, concepção diferente da geografia de pura memorização que era antigamente.

Diante dêste progresso, os professores sentem, forçosamente, dificuldade em fazer entrar essa matéria viva e abundante no quadro diminuto dos horários (1 hora por semana).

Na nossa opinião é esta a principal dificuldade que encontra aquele que não quer somente ensinar o programa, mas sim dar vida à aula pela ação e uso do material didático.

O professor de geografia não deve ser o mesmo de história e é necessária a separação para se realizar um ensino útil, interessante e completo de cada uma dessas disciplinas. Com efeito há sempre uma tendência do professor à especialização, ou em Geografia ou em História; e êle procurará naturalmente dar maior amplitude à disciplina de sua especialidade em prejuízo da outra.

d) *O ensino da geografia nas escolas secundárias alemãs*

Nas escolas alemãs, desde o curso primário até a Universidade o ensino da geografia tinha o cuidado de ser feito como a explicação da vida e do meio, e de utilizar, o quanto possível, a experiência e os trabalhos pessoais dos educandos.

Modernamente, com o atual govêrno, êste caráter interessante do ensino da geografia foi modificado e posto a serviço da propaganda do 3.º Reich. O espírito da geografia nos dias de hoje na Alemanha é caracterizado pelas seguintes idéias: “A geografia deve servir, antes de tudo, à formação do alemão nacional-socialista”, à propaganda anti-bolchevista e deve dar ao aluno o “senso da raça e das reivindicações territoriais e coloniais”.

As instruções oficiais insistem sôbre a necessidade de se aproveitarem nas aulas as paisagens familiares e as experiências quotidianas, e recomendam o emprêgo continuado das cartas (murais e atlas), do taboleiro de areia, a construção de gráficos, a visita aos museus e as excursões geográficas. As excursões são preparadas com o auxílio de cartas e dos indicadores das estradas de ferro.

O ensino da geografia é ministrado desde a Escola primária, até a Universidade com o número de 3, 2 ou 1 hora por semana, como é fácil verificar-se no quadro abaixo.

Horário das escolas alemãs do curso secundário e superior

a = Realschule, Lyzeum e Oberrealschule.

1.º Ensino Moderno: b = Reform — Realgymnasium (latim a partir do U.III).

c = Bifurcação do curso superior (latim a partir do O.II).

Anos de escola Classes	CURSO ELEMENTAR			CURSO MÉDIO			CURSO SUPERIOR		
	5 VI	6 V	7 IV	8 UIII	9 OIII	10 UII	11 OII	12 UI	13 OI
Estabelecimentos	a b c			ab	ab	abc	abc	abc	abc
Geografia	2	2	2	2	2	2	21	21	21
Total de horas (por se- mana)	28	28	30	32	32	34	34	34	35

Deutsche Aufbauschule

Anos de escola Classes	os alunos freq. a		8	9	10	11	12	13
	Esc. Prm.		UIII	OIII	UII	OII	UI	OI
Geografia			2	2	2	2	2	2
Total de horas			33	33	34	35	35	35

2.º Ensino Clássico: Humanistisches Gymnasium et Realgymnasium

Anos de escola Classes	5	6	7	8	9	10	11	12	13
	VI	V	IV	UIII	OIII	UII	OII	UI	OI
Geografia	2	2	2	2	1	1	1	1	34
Total de horas	28	28	30	32	34	34	34	34	34

(Quadro tirado de "Information Pédagogique n.º 2 — 1939 — pág. 70).

Programas para tôdas as escolas que figuram no quadro acima, exclusive a da Deutsche Aufbauschule:

1.º ano: Heimatkunde: Exercícios de orientação. Leitura de cartas.

2.º ano: O Estado Alemão "no quadro das antigas fronteiras". As paisagens típicas; exemplo: Uma grande cidade, um grande pôrto, a paisagem alpestre, a mata.

Exercícios, em classes e ao ar livre, sôbre fôlhas escolhidas da carta 1/100.000 da Alemanha. Noções elementares de Cosmografia e Meteorologia.

3.º ano: A Europa sem a Alemanha e os alemães no estrangeiro.

Exercícios cartográficos sôbre fôlhas de 1/25.000.

Croquis: podendo empregar os cadernos de cartografia. O globo terrestre: meridianos e paralelos.

4.º ano: Distribuição das terras e das águas. O mundo extra-europeu. Estudo de novos tipos de paisagens; deserto, savana, floresta virgem e tundra. Os alemães no mundo "mostrando as necessidades geográficas da Alemanha de ter um comércio mundial e colônias".

Raças e povos da Terra — Tráfego e estradas mundiais.

Leituras aprofundadas de cartas e em particular das cartas das zonas térmicas, correntes marinhas e povos e línguas. Durante as excursões, exercícios com as cartas oficiais.

Movimentos aparentes do Sol, movimentos da Terra, estações e fusos horários.

5.º ano: O Professor escolhe entre êsses dois programas:

a) A Alemanha, "compreendendo os territórios perdidos": estudo físico, humano, econômico e político.

O Tratado de Versailles e suas relações políticas e culturais na Europa Central.

Estudo de fôlhas características da Carta da Alemanha e primeira introdução à leitura da carta geológica.

b) Geografia Geral: física e humana. Estudo de qualquer zona terrestre, mostrando as relações de todos os fatores geográficos. Exemplo: os trópicos. Exercícios práticos sôbre cartas oficiais. Os diferentes sistemas de projeções.

6.º ano: UI — a) As bases geográficas de economia política. As produções do solo e do sub-solo. A indústria. O comércio mundial.

b) Geografia Política: forma, grandeza e estruturas dos Estados. Suas relações. Suas fronteiras.

A título de exemplo e à escolha do professor: estudo de uma grande potência mundial: Império Britânico, Estados Unidos ou Rússia.

Considerações geopolíticas sôbre a Guerra Mundial (1917) e de suas consequências.

OI — A Alemanha, quadro de conjunto. Relações econômicas com os vizinhos e o resto do mundo.

Nos cursos de Deutsche Aufbauschule os programas são em parte modificados, porque os alunos já frequentaram a escola primária.

UIII — Europa sem a Alemanha.

OII — O mundo sem a Europa.

OII — A Alemanha.

Pode-se daí verificar que o ensino da geografia nas escolas alemãs tem por objetivo principal formar "o cidadão orgulhoso de sua terra natal, de sua raça, de seus antecedentes, do seu povo e de seu Führer"

e) *A geografia no ensino secundário do Brasil*

ESBÔÇO HISTÓRICO — Nossa Pátria integrou-se um pouco tarde no conceito dos povos civilizados, porquanto, no momento em que os portugueses aquí se fixaram, já havia no mundo um progresso grande em todos os ramos científicos, produto de milênios de esforços inteli-

gentes. Nem por isso, entretanto, o Brasil retardou-se muito e percorreu em pouco tempo, o caminho que outros povos levaram milênios a palmilhar.

Logo na primeira metade do século XVI, padres da Companhia de Jesús — ordem nova mesmo na Europa — aqui chegaram acompanhando Tomé de Sousa, nomeado 1.º governador geral do Brasil, e, rapidamente, iniciaram, junto com a catequese, o conhecimento do território, conhecimento êste de que davam notícia em minuciosos relatórios enviados ao Provincial.

Era a geografia que, embora ainda em estado embrionário, surgia inconscientemente daqueles esforços.

As descrições maravilhosas que da terra brasileira faziam todos quantos aqui haviam estado, atraíram indivíduos de nacionalidades diferentes que, também inconscientemente e movidos pelos mais variados intentos, foram apressando a formação de uma geografia da nossa terra.

Entre essas pessoas podemos salientar JOÃO DE LÉRY, CLAUDE d'ABEVILLE, IVES d'EVREUX, JOHANNES DE LAET, GABRIEL SOARES, Frei VICENTE DO SALVADOR, ANTONIL, GANDAVO, Padre FERNÃO CARDIM, AIRES DO CASAL, VON MARTIUS, SAINT HILAIRE, RICHARD BURTON, Príncipe MAXIMILIANO DE NEUWIED, GARDNER, KOSTER e WAPPOEUS, que escrevendo compêndios ou descrevendo os lugares por onde passavam, muito contribuíram para o melhor conhecimento da Geografia do Brasil.

Deve-se distinguir os trabalhos de VON MARTIUS, que além do *Reise in Brasiliens* superior às *Voyages* de St. HILAIRE, escreveu sobre etnografia conceitos de alto valor.

Só a *Flora Brasiliensis*, diz o grande geólogo e geógrafo prof. SÍLVIO FRÓIS ABREU, basta para consagrá-lo mundialmente. Além disso fez a distinção das regiões Fitogeográficas do Brasil que correspondem às regiões naturais do Prof. DELGADO DE CARVALHO — “Hylcea, Hamadriades, Driades, Náíades e Oreades, que correspondem à Amazônia, Nordeste, Florestas Atlânticas, Campos do Sul e Chapadões Centrais”.

Há um grande grupo de geólogos nacionais e estrangeiros que ainda podem ser citados como influentes sobre a geografia do Brasil.

ESCHWEGE — Foi o primeiro a estudar as Serras do Centro do Brasil, criou a denominação de Serra do Espinhaço julgando que fôsse realmente o espinhaço do Brasil. O estudo das montanhas e os livros *Pluto Brasiliensis* e *Beiträge Zur Gebirgskunde Brasiliens*, dão-lhe um notável destaque como geógrafo.

GORCEIX — Foi organizador e Diretor da Escola de Minas de Ouro Preto.

FRANCISCO DE PAULA OLIVEIRA — Dedicou-se, principalmente, ao estudo dos depósitos minerais, sob o ponto de vista econômico e a sua fé de officio é das mais brilhantes e profficuas.

GONZAGA DE CAMPOS — Foi um grande cientista e a geografia lhe deve a Fitogeografia e a Fisiografia de S. Paulo, o estudo de vários rios e dedicou-se também ao estudo do carvão, petróleo, etc.. Em 1912 organizou o seu célebre *Mapa Florestal*.

BRANNER — Chefiou uma comissão que muito contribuiu para o conhecimento da geografia do Nordeste. Escreveu muito sobre geografia física e nos legou o 1.º bom mapa geológico.

ARROJADO LISBOA — Teve um papel saliente na mineralogia e geologia do Brasil. O *American Journal of Science* publicou os seus renomeados trabalhos sobre os seixos facetados do planalto Central e o "Permian Geology of Northern Brazil".

ORVILLE DERBY — Foi principalmente paleontologista. Graças a êle ficaram bem definidos os diversos andares da coluna geológica do Brasil. Escreveu sobre geografia física (Vale do S. Francisco, Amazônico, Serra do Espinhaço) — Merece ser considerado um luminar da geografia física do Brasil.

HARTT — Foi mais geólogo que geógrafo, contudo o seu livro *Geology and Physical Geography of Brazil*, basta para consagrá-lo mestre da geografia do Brasil.

LUND — Estudou as cavernas da Lagoa Santa e o homem americano.

TEODORO SAMPAIO — Foi um incansável geógrafo. Fez os mapas da Baía e S. Paulo, além de levantar inúmeras coordenadas e explorar regiões desconhecidas.

Além dessa lista mínima, acima exposta, poderíamos consagrar muitas páginas a estes e outros cientistas que cooperaram para a formação da nossa geografia. A todos êles, citados ou não, fica aí a nossa admiração como estudiosos e brasileiros.

Cumpre, porém, não deixar esquecidos os esforços dos heróicos bandeirantes dos tempos coloniais e do incomparável bandeirante dos tempos modernos o general RONDON — personalidade benemerita da nossa nacionalidade.

Os primeiros, ampliando o território, fundando cidades, fixando o conhecimento perfeito das nossas riquezas minerais e traçando roteiros que assinalavam simultaneamente os acidentes geográficos, os centros povoados e a localização das nossas riquezas adormecidas; o segundo, desbravando o sertão, levantando cartas geográficas, produzindo filmes que exibiam aspectos ainda desconhecidos de nossa terra, estudando curso de rios, e isso tudo acompanhado do estudo das raças a que pertencem os variados grupos de aborígenes que, influenciados pela ação heróica do grande cidadão, vão pouco a pouco se identificando com a civilização e com a idéia de Pátria.

E' justíssimo ainda fazer ressaltar a figura extraordinária do BARÃO DO RIO BRANCO, personalidade sem par, que na cátedra ensinou de modo exímio a geografia e na diplomacia, socorrido por seus profundos conhe-

cimentos de história e de geografia da Pátria e da América do Sul, conseguiu, apoiado na razão e no direito, integrar o Brasil dentro de suas fronteiras históricas.

Não poderíamos, ao fazer o esboço da organização do estudo da geografia no Brasil, deixar de lado os trabalhos realizados por EUCLIDES DA CUNHA, quando estudou o rio Purús, como auxiliar de RIO BRANCO no estabelecimento definitivo das nossas fronteiras com o Perú e mesmo como literato, porquanto em sua obra-prima *Os Sertões* nunca se afastou da descrição do meio geográfico e do homem e das recíprocas reações existentes entre estes dois primordiais fatores geográficos.

Bem longa ainda seria a lista dos que criaram a geografia do Brasil, entretanto, as proporções do presente trabalho impedem-nos a sua simples menção.

A geografia no curso secundário Depois de estabelecida em bases sólidas a nossa emancipação política, começou o govêrno imperial a organizar o ensino em nossa terra.

Naturalmente, e como é bem fácil imaginar, o estudo da geografia no período imperial, não podia de modo algum apresentar as características atuais, limitando-se à simples preocupação com a nomenclatura que era fastidiosamente decorada sem que houvesse cuidado em estabelecer explicações dos fatos geográficos.

Como é facilmente perceptível, semelhante situação não se coadunava com as novas teorias que romperam com a velha rotina, estabelecendo claramente, as relações íntimas entre o meio e o homem, dando, portanto, àquela ciência um caráter nitidamente humano. Os princípios em que se funda a ciência geográfica tiveram em diversos países aplicação imediata no ensino que deixou de se apoiar somente no princípio da localização.

RUI BARBOSA, cujo alto valor não é demais encarecer, já vinha pregando a reforma do ensino da ciência geográfica no Brasil, afirmando a necessidade de abandonar os velhos métodos que se preocupavam apenas com a nomenclatura e aconselhando a adoção de processos mais racionais no ensino daquela disciplina.

O ensino era ministrado em dois anos. No 1.º ensinava-se a geografia geral, quase sempre uma enumeração estéril dos nomes sem nenhum objetivo determinado senão fazer o aluno decorá-los sem procurar a explicação dos fenômenos geográficos correspondentes a êles.

O mesmo método era seguido no segundo ano e o educando armazenava minuciosa nomenclatura dos acidentes geográficos do país, sem no entanto encontrar uma aplicação imediata para êles na vida prática.

Era essa a única finalidade da geografia, cujo estudo, excessivamente fatigante, tornava o educando inimigo daquela disciplina.

Os compêndios adotados cingiam-se forçosamente, à mesma orientação, destacando-se entre êles os trabalhos do Cônego FERNANDES PI-

NHEIRO, LACERDA, SCROSOPPI, NORONHA SANTOS, BARÃO HOMEM DE MELO, TEODORO SAMPAIO, TEIMÍSTOCLES SÁVIO e vários outros.

Esses compêndios, alguns de relativo valor, foram os árbitros do ensino da ciência geográfica no Brasil, até que a reforma FRANCISCO CAMPOS abriu novas possibilidades ao estudo daquela ciência.

As idéias reformadoras dos métodos de ensino, bem antes de 1930, já eram conhecidas no Brasil através de trabalhos publicados por professores influenciados pelo movimento da Escola Nova, entre os quais é um dever salientar os nomes dos Professores DELGADO DE CARVALHO e RAJA GABAGLIA; o primeiro é o verdadeiro introdutor da moderna geografia no Brasil.

Os dois livros *Geografia do Brasil* e *Metodologia do Ensino Geográfico*, do Prof. DELGADO DE CARVALHO marcam o início, no setor do ensino da geografia, do vitorioso movimento da Escola Nova.

Em suma a história do ensino da geografia, no Brasil, pode ser dividida em duas grandes fases: a primeira vai desde a colonização até o movimento iniciado pelo professor DELGADO DE CARVALHO; a segunda vai desde o advento das obras acima citadas até os nossos dias.

O atual programa do curso fundamental foi elaborado em 1931, quando foi feita a reforma FRANCISCO CAMPOS. Substituiu-se o estudo sem objetivos práticos, realizado em dois anos, por um de cinco anos com menor número de horas semanais.

As finalidades visadas pelos organizadores dos programas atualmente em vigor, foram:

1 — Evitar que um aluno aos doze ou treze anos, isto é, na segunda série ginásial, fôsse considerado “bacharel em geografia”, e ficasse definitivamente isento do estudo desta disciplina nos anos seguintes, justamente na época em que êle teria maior capacidade para aprender os seus mais significativos ensinamentos.

2 — Distribuir as noções elementares da geografia por maior número de anos, afim de ministrar em várias fases do desenvolvimento mental do aluno os conhecimentos indispensáveis, como sedimentos sucessivos depositados em dilatados períodos.

A distribuição dos conhecimentos geográficos imprecindíveis (geografia física, geografia humana, geografia regional e geografia da nomenclatura) na reforma FRANCISCO CAMPOS, não prevê, entretanto, um ano consagrado exclusivamente ao estudo da geografia do Brasil, exatamente porque era dada em cada série uma parte relativa à nossa terra de acôrdo com o estudo feito nesta série.

No primeiro ano, em três horas semanais, estuda-se a geografia física, sendo o professor obrigado a dar exemplos brasileiros dos fenômenos estudados. No segundo ano, em duas horas semanais, estuda-se a nomenclatura geral dos continentes, seguida de um estudo especial da nomenclatura do Brasil. No terceiro ano, em duas horas semanais,

é dada a geografia humana, sendo ensinada a parte brasileira correspondente.

Na quarta série, também em duas horas semanais, estuda-se a geografia regional comparada das principais potências e aí é feito, no fim do programa, o estudo regional do Brasil, em relação com as potências estudadas.

Na quinta série, finalmente, em duas horas semanais, são ministrados elementos de cosmografia e de geografia física, o que não passa de uma repartição mais detalhada do programa da primeira série, com uma parte dedicada à geografia comparada da América, que na maioria dos casos não é ensinada por deficiência do tempo.

A programação da geografia no curso secundário, pelo que se pode verificar, foi um tanto falho no que diz respeito à geografia do Brasil, que foi diluída no meio de todos os ramos de ensino desta ciência, sem um estudo detalhado e especializado do meio em que vive o educando e de nossa terra em geral. Dêsse fato originou-se: o maior conhecimento da geografia geral, em detrimento da aprendizagem da geografia do Brasil. O estudo da geografia nacional perdeu a sua unidade. A vista do conjunto ficou menos clara e muitas vèzes os assuntos relativos ao Brasil ficaram prejudicados por sua má colocação nos programas. Sendo a parte referente ao Brasil situada frequentemente no fim do programa de cada série, muitas vèzes não chega a ser dada pelo professor.

Objetivos do ensino da geografia do Brasil

Verifica-se, do exposto no capítulo anterior, que há urgente necessidade de ser modificada a programação, no que se refere ao estudo da geografia do Brasil.

Cumprê, portanto, — e a própria experiência o aconselha, que os programas do curso secundário sejam modificados afim de restituir ao ensino desta disciplina, no último ano fundamental, uma visão de conjunto das bases geográficas da nacionalidade.

O ensino da geografia do Brasil no curso secundário deve ter por objetivos: a) *uma integração* perfeita de tôdas as noções de geografia física, econômica e social, ministradas nas quatro primeiras séries, isto é, o exemplo constante, a aplicação característica da interação de todos os fatores geográficos estudados. A geografia pátria aparecerá, então, como uma síntese geográfica, harmoniosa e explicada em seus elementos; b) *um quadro mesológico*, preciso e verdadeiro do país em que vivemos e ao qual temos que nos tornar úteis, porquanto é essencial conhecer suas condições naturais, seus recursos e as suas necessidades. Só se pode adequadamente servir um país que se conhece perfeitamente. E' o quadro geográfico que permite nacionalizar o patriotismo, salientando as suas razões de ser e as suas causas; c) *um fundamento geográfico da história* para uma interpretação inteligente do nosso passado, para compreensão das nossas futuras aspirações (a história, intimamente ligada à geografia, dá o sentido de unidade de que uma nação

necessita); d) *um símbolo significativo das condições de equilíbrio social*, das forças materiais e morais que constituem a nacionalidade, que originam e fazem do Estado a sua expressão de saber e querer viver em comunidade política.

Tudo isso a geografia pode fazer, e a simples vista de um mapa do Brasil oferece oportunidade para o estudo das tradições do passado, das nossas forças vivas de união e de cooperação, das nossas esperanças para o futuro e das nossas mais justas ambições.

Esses quatro motivos só podem ser aprendidos pelo adolescente de certa cultura, na última série do curso secundário, porque constituem as bases do patriotismo esclarecido que deve ser o das elites nacionais.

II — ASPECTOS TÉCNICOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA NO CURSO SECUNDÁRIO

1 — ORGANIZAÇÃO MATERIAL DO ENSINO DA GEOGRAFIA:

Para o ensino da geografia há necessidade da existência de um bom aparelhamento material e de um completo preparo técnico, por parte do educador.

Na impossibilidade de se visitarem tôdas as regiões da Terra, o que constituiria o ideal, vê-se o professor na contingência de se socorrer do material didático, o qual exige uma técnica especial na sua aplicação eficiente.

RUDE e SCHNASS, confirmam o nosso pensamento quando escrevem: “o material escolar no ensino da geografia não teria razão de existir se pudéssemos contar com a realidade”. Sobre a necessidade do material didático no ensino da geografia muito se tem discutido.

A nosso ver o material didático é necessário, porque torna o ensino mais eficiente, julgamos, porém, que a geografia pode ser ensinada com um material mínimo.

O professor capaz, ao invés de adquirir o material geográfico nas casas especializadas, deve, dentro da medida do possível, construí-lo com o auxílio dos alunos; serviria de treinamento e desenvolveria nos educandos o gosto pelos trabalhos manuais.

Os didatas da geografia, costumam, de um modo geral, classificar o material da seguinte maneira:

- a) material fixo (porta-mapas, etc);
- b) material móvel ou manuseável (globos, atlas, etc.);

ou

- c) material adquirido pela escola;
- d) material formado pelo professor com o auxílio dos alunos.

O material necessário ao ensino da geografia é, quase sempre, caro, embora o professor e os alunos construam parte dele.

Nos centros onde os recursos são fáceis daria ótimos resultados a construção e o equipamento de um "Gabinete de geografia" com o seguinte material:

- a) mapas;
- b) globos;
- c) modelados em massa;
- d) estereogramas e tabuleiros de areia;
- e) atlas;
- f) coleção de selos, de postais, de cadernos ilustrados e de fotografias;
- g) livros de estudo, de leitura e revistas geográficas;
- h) material fotográfico;
- i) material de projeção;
- j) material para excursão;
- l) material de meteorologia;
- m) espécimes geográficos (formação do museu escolar).

Mapas — Na escolha dos mapas murais todo o cuidado é pouco; devem ser selecionados para a escola secundária exclusivamente os que sejam:

- a) exatos;
- b) expressivos, isto é, que expressem convenientemente o que querem representar;
- c) inteligíveis, isto é, que ofereçam uma visão sintética e clara dos fatos geográficos da região representada.

O ideal seria que o professor preparasse uma série de mapas, representando os pontos do programa.

SLUYS, em sua monografia *La enseñanza de la geografía* diz "não é conveniente para a aprendizagem, que os mapas apresentem, simultaneamente, todos os fenômenos geográficos, porque isso desviará, forçosamente, a atenção do educando do fato específico da lição".

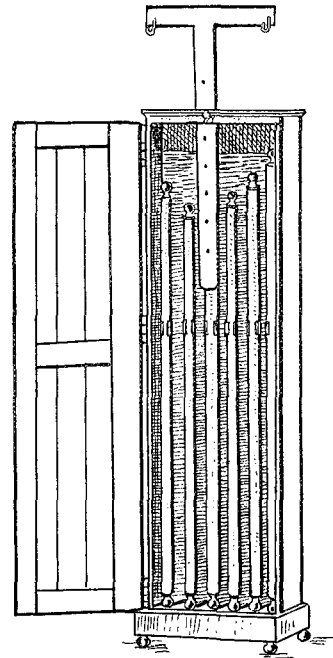
Os mapas murais precisam ser claros e visíveis para todos os alunos da classe. Devem, apenas, apresentar os fatos principais, afim de evitar que o acúmulo de nomes leve o educando a fixar denominações de pequena importância, esquecendo aquelas que apresentam maior valor.

No Brasil, infelizmente, ainda não temos bons mapas murais didáticos, quer da geografia pátria, quer da geografia geral. Os professores lançam mão de mapas feitos e impressos no estrangeiro, quase sempre em língua francesa, apresentando graves erros linguísticos e geográficos quando tratam da geografia do Brasil.

O Conselho Nacional de Geografia, procura neste momento remediar nossa insuficiência nesse setor, resolvendo organizar, imprimir e distribuir pelas escolas coleções de mapas murais, obedecendo a um plano didático, que aliasse a exatidão ao baixo preço.

É urgente e necessária a distribuição pelas nossas escolas dos seguintes mapas:

- a) mapa das regiões naturais do Brasil;
- b) mapa físico do Brasil (orográfico-hidrográfico), com reduções laterais representando o Brasil fitogeográfico e climatológico;
- c) mapa político do Brasil;
- d) mapa econômico do Brasil;
- e) mapa histórico do Brasil;
- f) mapa mudo do Brasil com o litoral bem detalhado.



Pequena mapoteca para sala de aula, com capacidade limitada para poucos mapas. O suporte das cartas é muito prático.

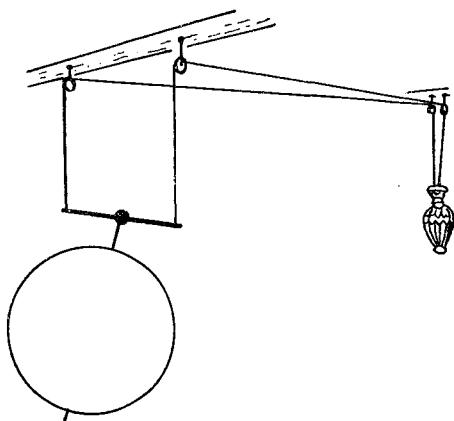


Tipo de mapa-quadro negro, onde o professor pode fazer vários exercícios sem necessidade de apagar o contorno.

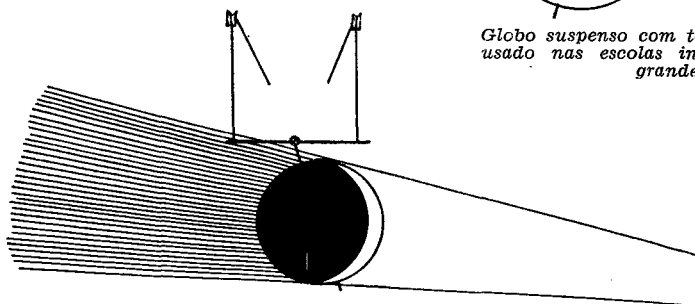
Em suma, achamos que o uso dos mapas apresenta as vantagens seguintes:

habitua e obrigam o espírito a ser preciso e a ver as coisas sob o ponto de vista geográfico, dando ao educando um panorama sintético do mundo ou da região estudada;

desenvolvem no educando as



Globo suspenso com todos os movimentos, muito usado nas escolas inglesas e americanas, com grande resultado.



Globo suspenso iluminado.

qualidades de análise, de generalização e de abstração.

O emprêgo dos mapas apresenta, entretanto,

um grave problema, que consiste em sua adaptação a diferentes idades escolares (nível mental dos educandos).

Globos — O globo é a representação mais exata da esferóide terrestre, precisando, por isso, das mesmas condições pedagógicas exigidas em todo o material de ensino. Quando bem feito e colorido artisticamente, por menores que sejam suas proporções, apresenta resultados excelentes.

Seu uso não deve ser reservado exclusivamente ao mestre; é indispensável que se dê aos alunos ampla liberdade de manusearem êsse eficiente material didático.

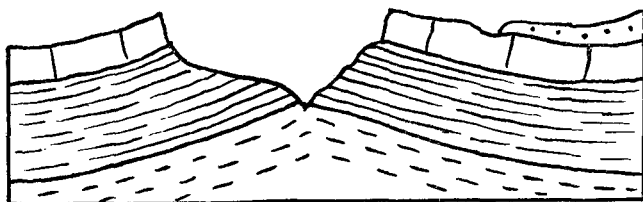
Há no adolescente o prazer singular de fazer girar o globo imaginando que tem nas mãos uma miniatura do mundo, e, ocasionalmente, verifica várias situações da geografia, sôbre as quais o mestre não tem necessidade de insistir, e a aprendizagem torna-se, dêsse modo, mais proveitosa e eficiente.

Com o emprêgo dos globos, a noção de coordenadas geográficas é facilmente apreendida pelo educando.

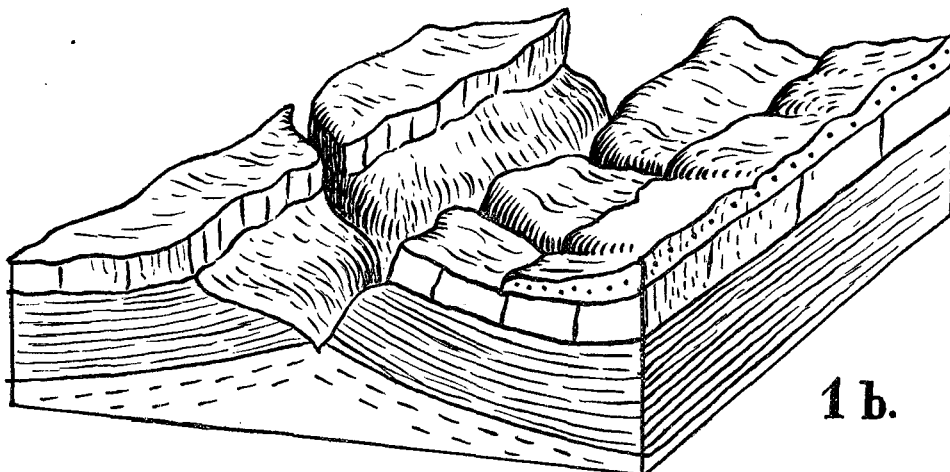
Modelados — Devem ser representações, em miniatura, de alguma forma relêvo, ou de outros atos geográficos. Seu uso é útil, mas apresenta inconvenientes e defeitos semelhantes aos dos mapas em relêvo, pois que, as irregularidades horizontais são muito simplificadas em virtude da escala, e as verticais, grandemente exageradas afim de se tornarem distintas e despertarem a atenção.

Estereogramas e taboleiros de areia — O uso dos estereogramas foi desenvolvido, no estudo da geografia, pelo geógrafo americano MORRIS DAVIS e realizam e exprimem um estado e não uma evolução, permitindo, entretanto, acentuar os diferentes estágios de uma evolução.

Tem os estereogramas três finalidades imediatas: 1.^a — sistematizar uma forma ou uma família de formas, isto é, de um ou de vários elementos da paisagem; 2.^a — servir como experiência geográfica, mostrando as diferentes fases de uma evolução; 3.^a — serve, finalmente, para ligar a geografia regional à geografia geral, como evocação de uma região ou de um contacto de regiões.



1 a.



1 b.

1a. Corte geológico — 1b. Corte geográfico.

Os taboleiros de areia, são de interesse incontestável e sua utilização é possível com um pouco de técnica. Procura fornecer um ensino concreto, vivo e evocador, sob um aspecto dinâmico. Os taboleiros de areia devem ser usados desde a escola primária, acompanhando o educando da fase pré-lógica até a lógica.

Tem os trabalhos na areia como objetivos principais: 1.^o — dar ao educando, de modo concreto, um vocabulário geográfico; 2.^o — iniciar o educando na leitura viva das cartas; 3.^o — estimular e facilitar o estudo da geografia regional; 4.^o — realizar certo número de experiências geográficas.

Os estereogramas são mais precisos do que os taboleiros de areia, entretanto, uns são o complemento dos outros, e sendo a geografia uma

ciência de três dimensões, o uso dos estereogramas e dos tabuleiros de areia, encontra fácil justificação.

Atlas — O atlas oferece vantagem de acostumar o educando no manejo das leituras cartográficas e da interpretação dos fenômenos geográficos. Sendo a geografia uma ciência de localização, o mestre tem de familiarizar os alunos no hábito de situar todos os fatos geográficos.

Manejar bem o atlas é extrair de seus mapas todo o proveito possível, coisa que não é tão fácil como parece, pois a criança tem de ser habituada a considerar a rede de meridianos e de paralelos, bem como as escalas, afim de poder calcular as distâncias reais.

O professor deve mostrar a impossibilidade de se representar uma superfície esférica por outra plana, e que todos os mapas a despeito das projeções cartográficas, não representam exatamente as formas terrestres.

Aos atlas que contenham mapas que se ocupem exclusivamente dos fatos da geografia humana, devem ser preferidos os que, com critério realmente científico, envolvam os fenômenos de ordem física em inter-relação com os fenômenos da geografia humana.

Coleções de selos, de postais, de cadernos ilustrados e de fotografias — As crianças gostam imensamente de colecionar e esta tendência deve ser aproveitada pelo professor, no sentido de que sejam obtidas boas fotografias e selos de tôdas as origens.

E' realmente boa a idéia de deixar os educandos ilustrarem álbuns geográficos com figuras e retratos que encontrarem em revistas, com cartões postais e com selos que devem ser classificados sistematicamente por secções ou nacionalidades.

Não é suficiente a mera apresentação de fotografias; é preciso estudá-las e descrevê-las, obrigando os alunos a também fazerem a sua descrição. Todo êsse material ilustrativo serve como centro de interêsse, e o uso comum dêsse meio didático desenvolve a observação e a facilidade de expressão.

SOUTHERLAND afirma que "as crianças ouvem com prazer uma boa descrição de uma fotografia. Às vêzes o professor deve fazer a exposição utilizando grande número de frases descritivas, não esquecendo os aspectos cênicos ou belos, e tendo sempre em mente os interêsses naturais da criança. A descrição deve ser viva, animada e pitoresca; não deve ser mera apresentação passiva das aparências estáticas, mas deve sugerir vida e atividade, e os pensamentos e emoções que, naturalmente, surgiriam na cena representada".

O emprêgo do material ilustrativo no ensino da geografia, tem razão psicológica, pois transmite à mente impressões, as quais, no caso de simples audição ou leitura, tem que depender da imaginação e da memória do aluno.

Faz-se a aprendizagem, com auxílio dêsse material, de modo muito mais vivo, rápido e preciso, porque, a memória visual, na maioria dos educandos, persiste por mais tempo que as outras.

Livros de estudo e de leitura — A escolha dos livros de estudo e de leitura constitue uma das partes mais delicadas do ensino. São em número bem reduzido os bons livros de estudo, e quanto aos de leitura geográfica muitos são de literatura inferior.

O livro de estudo, ou compêndio, é um resumo simplificado da matéria, contendo as noções essenciais no ensino.

Os compêndios devem ter linguagem simples, breve, clara e exata, devendo atender: a) ao *conteúdo da matéria*, que deve ser impecavelmente exato, limitando-se aos dados essenciais e às conquistas definitivas da ciência; b) *ao aluno*, porquanto a matéria deve ser adaptada à mentalidade dêste e à série a que se destina; c) *ao professor*, visto como deve ser um auxiliar do mesmo e fornecer os dados essenciais da exposição do ponto dado pelo professor. Deve, ainda, o compêndio apresentar a matéria logicamente, cumprindo ao professor o desenvolvimento psicológico, fazendo a melhor adaptação à classe.

Entre o professor e o compêndio deve haver uma colaboração ativa, sem contudo o mestre se escravizar ao livro, porém completá-lo.

Os compêndios escolhidos devem ser: a) econômicos; b) ter uma boa confecção; c) apresentar aspecto agradável e atraente.

Um bom livro de leitura, com algum caráter geográfico, é tão fecundo quanto um bom compêndio.

Os livros escritos pelos grandes exploradores, servem para que o educando compreenda como tem sido lento e árduo o trabalho de exploração do nosso globo. Oferecem um exemplo de grande relêvo, e despertam no aluno o sentido da aventura, da audácia e da energia, que para a eficácia da ação são sempre necessárias.

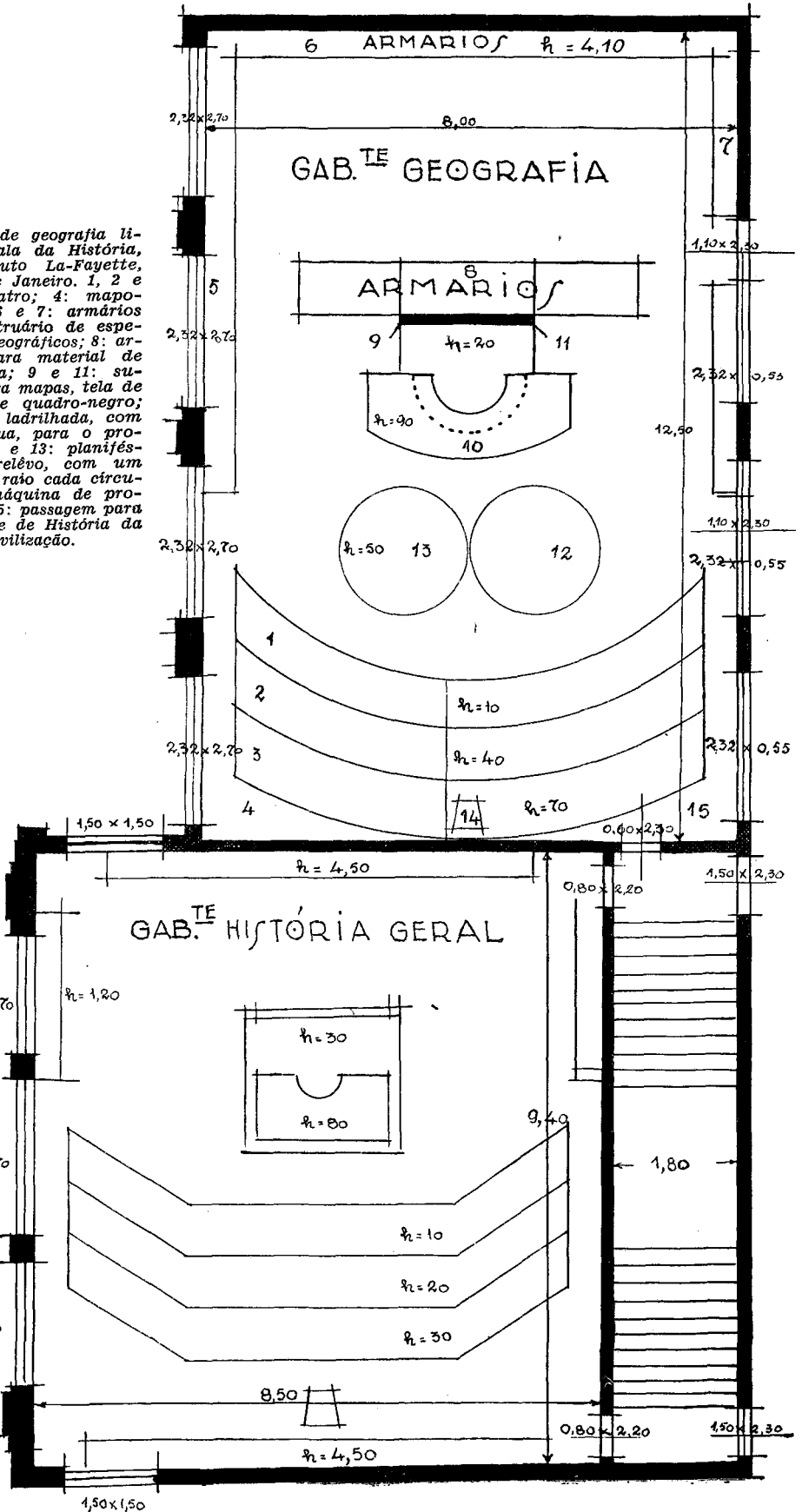
As leituras de viagens, comentadas com os mapas ante os olhos, para seguir a rota do viajante ou para localizar a região descrita, são, por excelência, recursos com os quais o ensino obtém os melhores resultados.

Material fotográfico — E' conveniente que o gabinete de geografia possua uma instalação fotográfica, como alguns colégios do Rio de Janeiro já possuem, especialmente o Colégio Pedro II, estabelecimento padrão do ensino secundário do Brasil.

Nesse colégio, além do material indispensável a um bom gabinete fotográfico, ainda existe uma sala destinada à revelação dos filmes ou chapas que os próprios alunos batem em seus passeios ou em excursões de fundo geográfico.

O material fotográfico apresenta a desvantagem de ser demasiadamente caro e, por isso, nem todos os estabelecimentos de ensino podem adquirí-lo. Seria, entretanto, ideal que, na medida do possível, houvesse pelo menos uma máquina fotográfica em todos os gabinetes de geografia.

Gabinete de geografia ligado à sala da História, no Instituto La-Fayette, do Rio de Janeiro. 1, 2 e 3: anfiteatro; 4: mapoteca; 5, 6 e 7: armários para mostruário de espécimes geográficos; 8: armários para material de astronomia; 9 e 11: suportes para mapas, tela de projeção e quadro-negro; 10: mesa ladrilhada, com gás e água, para o professor; 12 e 13: planifésrio em relêvo, com um metro de raio cada círculo; 14: máquina de projeção; e 15: passagem para o gabinete de História da Civilização.



Material de Projeção — Há grande necessidade desses aparelhos nos modernos gabinetes de geografia, entretanto, diante do seu elevado custo, são de difícil aquisição.

E' fácil perceber as vantagens proporcionadas pelos aparelhos de projeção que, além de ilustrarem convenientemente as aulas, facilitam a compreensão dos educandos, desde que aumentam as proporções das fotografias, deixando que estudantes percebam os menores detalhes.

O ideal consistiria em que todos os gabinetes de geografia possuíssem também um aparelho de projeções cinematográficas. Na impossibilidade disso ser conseguido, conviria que o governo estimulasse a criação de uma espécie de cooperativa, que poderia ser constituída com fundos particulares. Essa cooperativa forneceria a cada colégio associado o material cinematográfico necessário às aulas.

Material de excursão — As excursões são de grande proveito no ensino da geografia.

Não insistiremos agora em sua importância porque em capítulo posterior teremos de examinar os benefícios extraordinários que elas podem proporcionar, quando bem orientadas.

Cumpré, entretanto, chamar a atenção para o mínimo de material necessário para as excursões e que todos os colégios podem ter: barracas, bússolas, podômetros, trenas, telêmetros, binóculos, cartas, roteiros, ferramentas, embornais, cantís, etc..

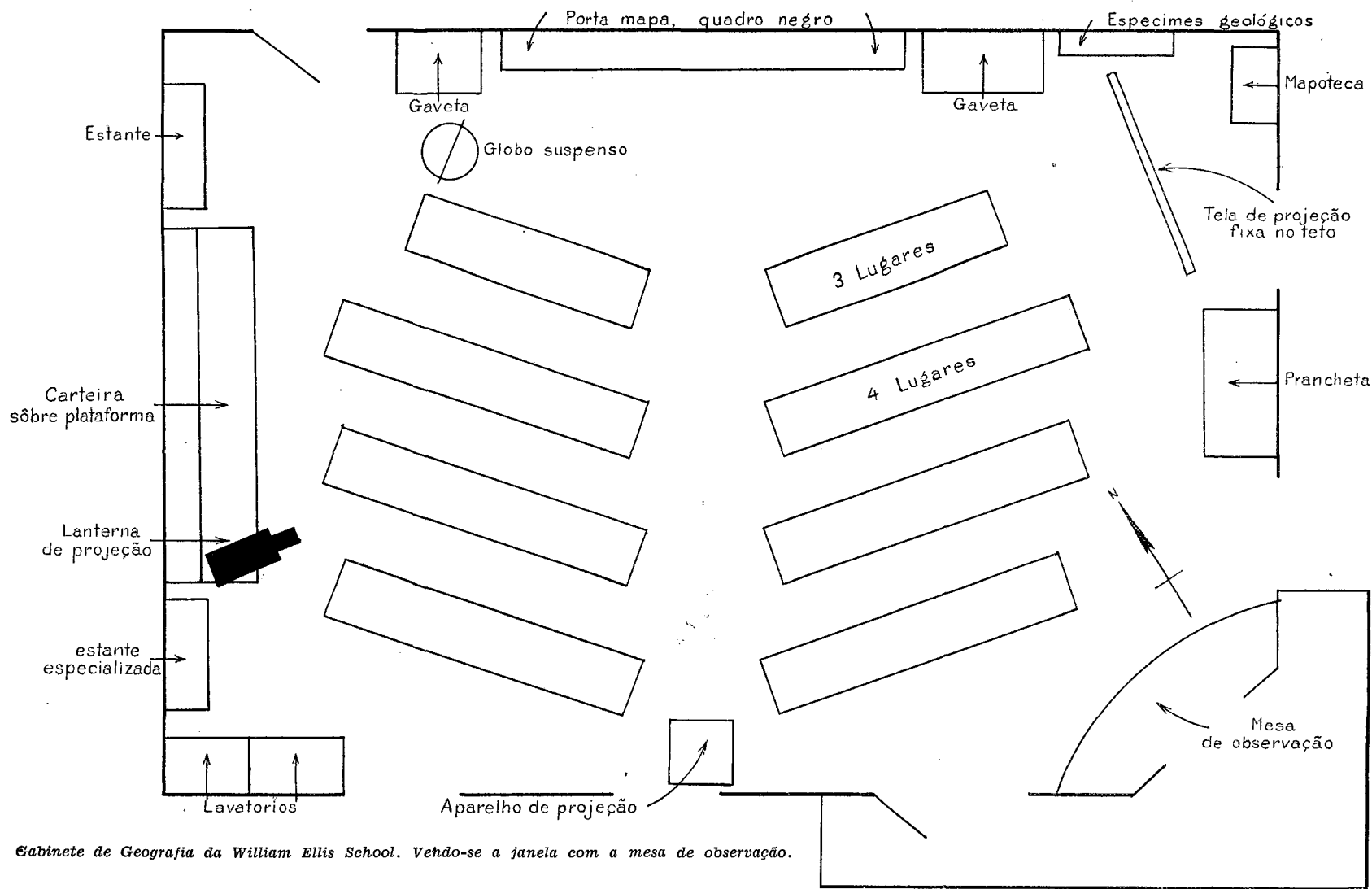
Material de meteorologia — Todo o estabelecimento de ensino deve possuir uma estação meteorológica, embora simples, possuindo pelo menos termógrafo, barógrafo, pluviômetro, anemômetro e higrômetro.

Parece-nos que não há necessidade de salientar o valor extraordinário do material meteorológico no ensino da geografia, porquanto todos podem perceber que basta o fato de identificar o estudante com o manuseio constante daqueles aparelhos, para estabelecer nitidamente suas grandes finalidades.

Especímenes geográficos — Formação dos museus escolares — Não se pode negar o grande valor das coleções de espécímenes geográficos, especialmente quando êles são fornecidos pelos alunos, o que indica o interesse que êles dedicam à disciplina.

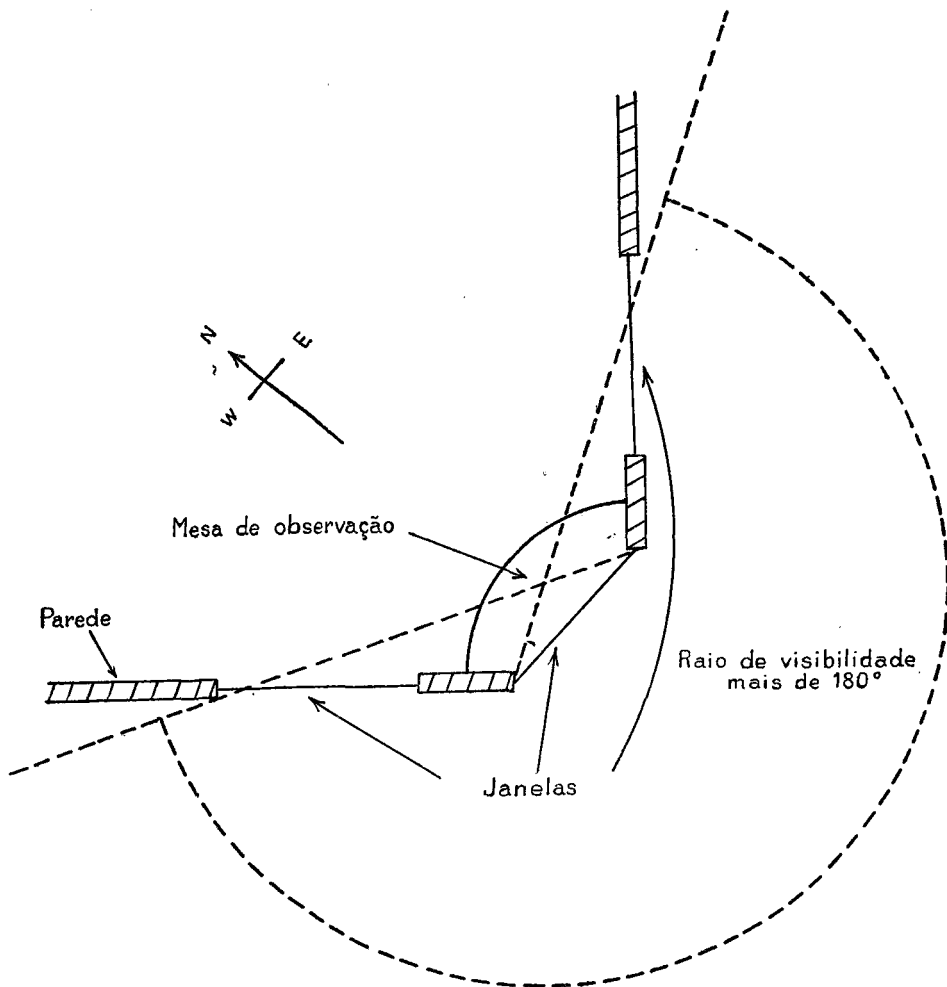
E' bem verdade que haverá sempre deficiência de espécímenes, mas sejam êles comprados ou produto do interesse dos estudantes, é sempre um material objetivo e de finalidades imediatas. A reunião devidamente catalogada e sistematizada desses espécímenes constitue o museu escolar.

Cumpré notar, que a mera presença do material didático, não realiza a aprendizagem; é necessária a ação do mestre na sua fôrça orientadora. O material didático deve ter a sua aplicação subordinada à técnica do ensino; deve visar fins definidos e específicos e não oferecer aos alunos motivos para divertimento.



Gabinete de Geografia da William Ellis School. Vendo-se a janela com a mesa de observação.

Mario Toval



Detalhe da mesa e da janela de observação, muito usadas nos campos de aviação e hoje adotadas, com vantagens, nos gabinetes de Geografia.

Os objetivos do uso do material didático são: a) provocar o interesse mais vivo e intenso na classe; b) fornecer ao aluno uma impressão mais concreta e intensa da matéria estudada; c) tornar a aprendizagem menos penosa e menos abstrata, fugindo, o máximo possível, das enumerações estéreis; d) economizar tempo e esforço, evitando longas e detalhadas explicações verbais.

2 — AS EXCURSÕES

Para o ensino da geografia a excursão é o complemento das aulas.

A excursão geográfica não é de caráter turístico, deve interessar somente naquilo que é comum e típico numa região.

No nosso modo de ver, as excursões devem despertar e estimular no educando, o *espírito de pesquisa e de observação*, juntamente com o melhor conhecimento de sua pátria, além de confirmar e concretizar as exposições feitas pelo mestre na classe.

AGUAYO, no seu *Didática da Escola Nova* diz: “a excursão dá interesse, animação, realismo e caráter concreto ao estudo da geografia; relaciona o trabalho da escola com os problemas da vida extra-escolar; dá sólida base ao trabalho docente; provoca a apreciação das belezas naturais; faz com que a criança simpatize com tôdas as classes sociais e com as diversas formas do trabalho humano, e, finalmente, exercita a observação direta, que é o instrumento principal do trabalho geográfico”.

A excursão geográfica, como tôda excursão de caráter educativo é um recurso extra-classe, usado sob a direção do mestre. Implica, às vêzes, em desperdício de tempo e ausência de aproveitamento da matéria, sendo isso resultante da falta de técnica por parte do professor.

A excursão geográfica exige, além do material necessário, os seguintes requisitos: a) a certeza de que é uma necessidade vital e real da classe, e que o seu resultado compensará o gasto do tempo empregado; b) o professor deve fazer primeiro a excursão sozinho, para a verificação do itinerário e dos pontos de interesse geográfico; c) anotar o roteiro a seguir, a condução, o horário e os pontos mais interessantes para a matéria; d) evitar os grandes grupos, a não ser que conte com alguns bons assistentes; e) preparar devidamente a classe com interrogatórios relativos à excursão, fazendo sentir a necessidade de cada aluno fazer seu relatório; f) organizar um pequeno teste sôbre a excursão.

3 — A GEOGRAFIA E O ENSINO SOCIALIZADO

O ensino socializado é de grande utilidade em tôdas as disciplinas, entretanto, sua importância avulta mais no estudo da geografia porquanto esta matéria, estuda um fenômeno sob vários aspectos, o que facilita a distribuição das tarefas pelos alunos.

De um modo geral, o ensino socializado surgiu como reação ao processo expositivo; à preocupação de fazer o aluno tomar parte ativa na aula, deve-se êsse método de ensino. Visa dar aos educandos hábitos de convívio, responsabilidade social e de colaboração, através das atividades socializadas dos alunos, em cada disciplina.

O ensino socializado consiste em organizar de tal modo as atividades dos alunos, que estes realizam o seu trabalho em colaboração, dividindo as tarefas, auxiliando-se mutuamente, e aproveitando-se, em conjunto, dos resultados obtidos. Dêsse modo, espera-se que os alunos, além do progresso na matéria, adquiram hábitos sadios de convívio social, de colaboração, de responsabilidade perante o grupo e uma consciência social. A idéia central dêsse método é evitar a concorrência individual.

Para a execução prática dêsse ensino, admite-se uma série de planos que variam desde a idéia mais extremada, até a mais conservadora, a respeito da formação da personalidade integrada no ambiente social.

Num caso, o trabalho é dirigido por um *comité* de alunos, escolhido por êles mesmos, passando o professor a ter uma ação mais limi-

tada, figurando num plano secundário. Noutra caso, obedece êsse ensino a um planejamento de trabalho, dirigido pelo mestre, que dá aos alunos uma liberdade necessária mais limitada.

Como exemplo de ensino socializado podemos supor que um professor exija de seus alunos o estudo geográfico da região do Distrito Federal; se êsse estudo for socializado, caberá a cada aluno uma tarefa particular, encarando cada um deles o Distrito Federal sob um dos seus variados aspectos geográficos.

A reunião dêsses diferentes estudos constituirá a unidade geográfica.

O ensino socializado oferece vantagens e desvantagens.

Vantagens: I — Resolve o problema difícil da motivação da aprendizagem, dando mais interesse aos alunos e as relações entre êles e o mestre são menos artificiais e formalistas; II — Desenvolve a consciência do grupo e as atitudes sociais; III — Proporciona treino valioso para as qualidades de iniciativa e de liderança dos alunos; IV — Forma hábitos de pensar com clareza e desenvolve o costume de exprimir o pensamento com facilidade, para se fazer compreender; V — Forma um ambiente propício para o desenvolvimento da personalidade independente do aluno.

Desvantagens: I — Falha na unidade de organização; II — Tende a ser dispersivo, perdendo mais tempo, do que o necessário; III — Os alunos adquirem um domínio precário e superficial no conhecimento da matéria; IV — Há o perigo constante de cair na discussão estéril ou exibicionista; V — A classe pode ser dominada por alguns alunos mais audaciosos e afoitos; VI — Corre o perigo de cair no formalismo e na rotina.

Não é demais encarecer que o assunto geográfico oferece grande margem para êsse ensino, mas êle *só é proveitoso quando aplicado com moderação, na devida oportunidade, como complemento do estudo dirigido.*

4 — VERIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

A verificação da aprendizagem deve constituir um cuidado constante por parte do professor.

Creemos mesmo, e ao fazermos esta afirmação apoiamo-nos em autoridades em matéria de ensino, que o professor deve procurar, frequentemente, verificar o aproveitamento de seus discentes.

O ideal seria que, logo após terminar o assunto, o professor cuidasse de verificar o grau de aproveitamento individual e da classe.

O professor LOURENÇO FILHO, no livro *Introdução ao estudo da escola nova*, diz: "A escola nova proclama a necessidade de verificação objetiva dos elementos da educação e de cada passo do aprendizado".

Semelhante conceito tem sido expandido por diferentes educadores nacionais e estrangeiros e o que ocorre em relação ao ensino em geral deve, forçosamente, acontecer no ensino da geografia.

A necessidade da verificação da aprendizagem avulta desde logo por três razões essenciais: a verificação do aproveitamento do aluno, a gradação do trabalho do professor e o controle administrativo do sistema escolar.

A verificação do aproveitamento do aluno deve permitir e facilitar situá-los nos diferentes graus do curso; a gradação do trabalho do professor deverá facilitar a dosagem da matéria que será ministrada, sua intensidade e sua extensão; as verificações globais permitirão aos aparelhos centrais de controle do trabalho e do rendimento escolar regularizar a marcha do sistema, seja com medidas gerais de ordem técnica e administrativa ligadas ao complexo: aluno — professor — prédio, seja quanto às condições pessoais do professor.

a) O EMPRÊGO DO TESTE

Até o comêço do século XX, só se conhecia a prova clássica e a de composição ou ensaios para a verificação da aprendizagem, e os inconvenientes decorrentes destes processos, eram inúmeros, podendo salientar-se os seguintes: a) diferenças de padrões de julgamento quanto ao mérito e excelência das provas (uma mesma prova poderá ser julgada sob diferentes aspectos não podendo haver unidade de critério); b) importância especial e pessoal que o professor dá a aspectos diferentes de uma mesma prova; c) diferenças entre os professores no escrúpulo e no cuidado em julgar, além das diferenças entre os temperamentos dos mestres, ou do seu estado de espírito e disposição no ato de julgar.

No interêsse de se obter exatidão no julgamento, surgiu o movimento a favor dos testes de escolaridade sob a chefia de THORNDIKE, que, em 1913, publicou em seus livros *Psicologia pedagógica* e *Teoria das médias sociais*, artigos e capítulos a êsse respeito.

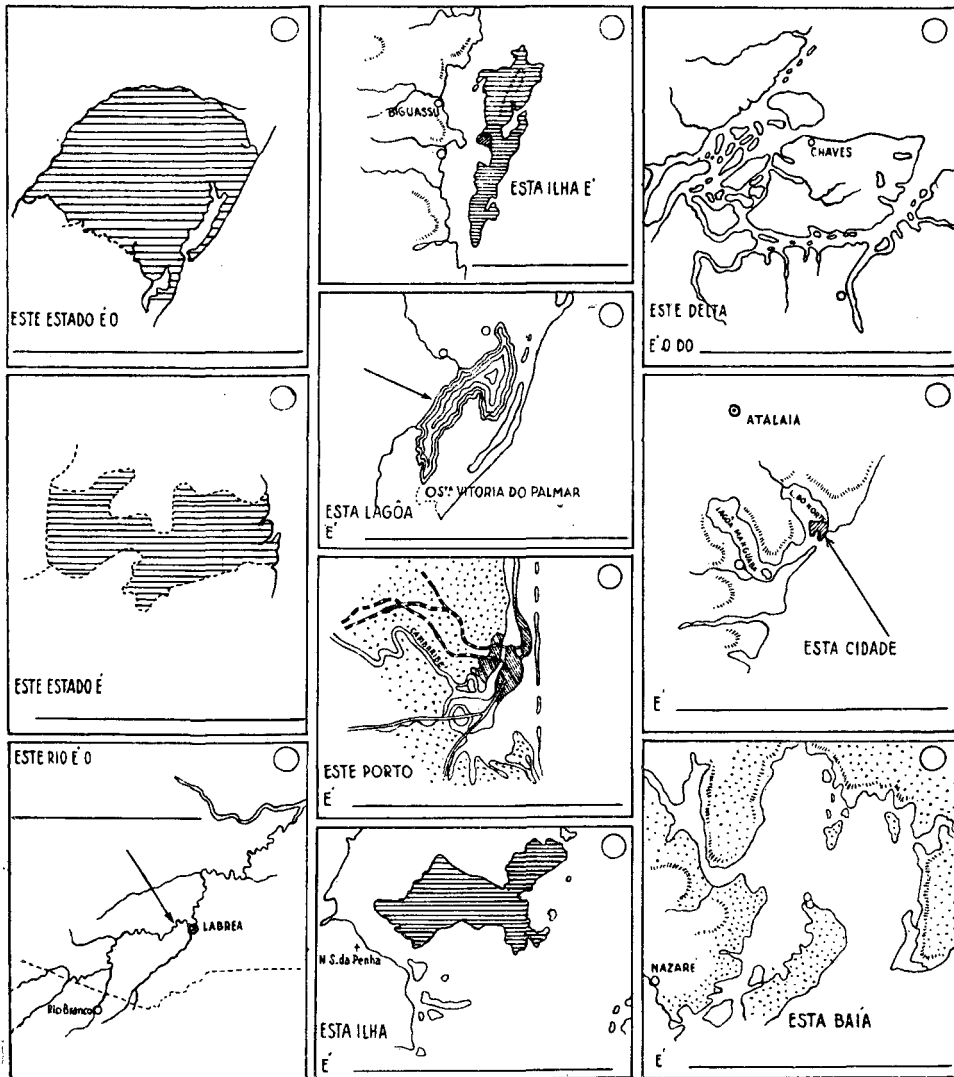
E' preciso notar que THORNDIKE não apresentou nenhuma inovação, visto como, cêrca de 15 anos antes dele, já se usavam os testes mentais, excluindo-se, naturalmente, a aplicação dos testes ao ensino.

THORNDIKE organizou uma técnica geral para a verificação da aprendizagem, sendo as mais usuais as formas seguintes:

- a) de perguntas e respostas;
- b) de preencher ou completar lacunas;
- c) de alternância (sim ou não, certo ou errado);
- d) de múltipla escolha (várias soluções para uma escolha certa);
- e) de encaixe.

Os testes e a verificação clássica da aprendizagem apresentam vantagens e desvantagens, conforme passaremos a expor resumidamente.

Completar as sentenças contidas em cada um dos 10 quadros abaixo:



Tipos de testes usados em Concursos e organizados sob a orientação do prof. Delgado de Carvalho.

b) VANTAGENS DO EMPREGO DOS TESTES

1.^a) O teste é capaz de abranger mais matéria do que a prova clássica de composição. Enquanto esta se limita a duas ou três questões, o teste é feito com um número grande de perguntas, abrangendo tôda a matéria.

2.^a) A parte mecânica da resposta é reduzida ao mínimo.

Dessas duas vantagens verifica-se que: a) há grande economia de tempo na resolução do teste pelo aluno; b) economia do esforço do professor na correção dos testes; c) o teste, pela sua natureza, permite um julgamento mais objetivo e mais seguro do que a prova clássica, e afasta

os inconvenientes da prova prática; d) o teste é impessoal e objetivo; e) o teste é mais fidedigno.

A exatidão das questões limita a flutuação das respostas (a influência da caligrafia e da verbosidade faz-se pouco sentir).

c) DESVANTAGENS DO EMPRÊGO DOS TESTES

1.^a) O teste rigorosamente objetivo, de um lado economiza tempo no julgamento, mas exige tempo dobrado para sua organização.

2.^a) Não dá ensêjo ao aluno para a auto-expressão e impede o professor de julgar a organização mental e de interêsse do adolescente.

3.^a) O teste requer material dispendioso, exigindo que o questionário seja impresso ou bem mimeografado, o que não está ao alcance de todos os estabelecimentos de ensino.

4.^a) Na sua maioria em geral, os testes medem mais os recursos de memória do que o pensamento reflexivo e tolhe a capacidade de expressão livre do aluno, viciando a sua capacidade construtiva e organizadora.

5.^a) Presta-se à fraude (cola).

6.^a) Dado o fator tempo, que o teste leva em grande conta (rapidez), desaparece o pensamento reflexivo. Muitos alunos são nervosos e morosos, o que muito dificulta as respostas.

7.^a) O teste em geral não leva em conta as diferenças individuais.

A tendência mais recente nos EE.UU. é de controlar os resultados dos testes pelo julgamento pessoal do professor, controle êste fornecido pelo contacto diário com os alunos.

O teste moderno objetivo, é mais recomendável pela sua extensão, isto é, pelo grande número de perguntas, abrangendo grande parte da matéria.

Na verdadeira acepção da palavra os testes não constituem apenas um método especial que deva ser empregado em casos particulares; é também um esforço tendente a corrigir as insuficiências e os defeitos das provas escritas habituais.

Para compensar a deficiência dos testes no que se refere a melhor verificar o espírito de síntese e a organização mental do aluno, deverão ser êles usados juntamente com a prova de composição ou ensaio, valendo esta, por exemplo, 40% do valor total, variando, entretanto, esta percentagem conforme a disciplina.

No ensino da geografia, os testes de acôrdo com BRANOM podem ser: a) de fatos; b) de interpretação de fatos; c) para verificar a capacidade de utilizar os conhecimentos geográficos adquiridos; d) verificar os ideais, as atitudes, os hábitos, os gostos e a habilidade do aluno.

SYDNEY L. PRESSEY e LUELLA COLE PRESSEY, na obra *Iniciação ao método dos testes*, afirmam que “o estudo da geografia, exige: conhecimento de fatos geográficos; aptidão para raciocinar sobre esses mesmos fatos”, de onde decorre a conclusão, que apresentam, aconselhando dois tipos de testes para a geografia: a) testes de fatos ou de memória; b) testes de raciocínio ou de compreensão.

O que é difícil na organização dos testes de fatos é a sua seleção, porquanto a grande quantidade de fatos geográficos impede que o professor saiba facilmente quais os de maior importância para o conhecimento dos discípulos.

Os simples testes de geografia da posição e da nomenclatura, revelam muito pouco o conhecimento geográfico moderno exigido do aluno, porquanto a geografia da nomenclatura pode ser ensinada apenas por meio da retenção pela memória.

O ideal do ensino geográfico seria aliar a geografia dos fatos com a de compreensão, o que obrigaria, na organização das provas, a se entrelaçar o emprêgo dos testes de fatos com os de compreensão ou de raciocínio.

Em nossa opinião, no estudo da geografia, embora o emprêgo dos testes apresente grande utilidade, não se pode prescindir dos antigos processos de verificação da aprendizagem, constantes de exposições, relatórios, interrogatórios orais, etc., sabiamente dosados.

O desenvolvimento do assunto que constitui o nosso trabalho, leva-nos a apresentar as seguintes conclusões:

1.º — O campo de ação da geografia é vasto, porquanto ela não independe nunca das outras ciências, tais como a matemática e as ciências naturais e aproxima-se, modernamente, das ciências sociais.

2.º — Sob certos pontos de vista os métodos de ensino de geografia nos tempos atuais encontram-se mais próximos dos ideais da antiguidade.

3.º — O uso do material didático deve visar objetivos definidos e específicos do ensino e não oferecer aos alunos motivos para divertimentos.

4.º — A mera presença do material didático não realiza a aprendizagem; é necessária a ação do professor na sua força orientadora.

5.º — Na verificação da aprendizagem não é vantajoso o uso exclusivo de um dos meios: “clássico” ou de “testes”. Parece-nos como método ideal um sábio aproveitamento dos métodos de provas e composição com o emprêgo dos testes.

6.º — No Brasil, o ensino da geografia pode ser dividido em duas fases:

1.ª) O longo período em que o ensino da geografia era meramente mnemônico sobrecarregando o aluno com uma copiosa nomenclatura;

2.^a) O advento da "Escola Nova" que fez o ensino da geografia tomar um caráter científico e didático.

7.^o — No Brasil, excetuando a escassez do material didático, a geografia e seu ensino no curso secundário, se pode comparar à dos países mais adiantados do mundo.

8.^o — Finalmente, a geografia no curso secundário deve mostrar a interdependência entre a Terra e o homem, dando ao aluno um completo conhecimento do lugar onde vive e das relações dos fenômenos entre êles existentes.

Para o educador atingir êsses objetivos, precisa estar senhor do conteúdo e do método.

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

ADOLF RUDE — Traducción Francisco Payarols — "La Escola Nueva y Sus Procedimientos Didáticos" E. Labor — J. A. — El Tesoro del Maestro — vol. I — 1937 — 374 págs.

A. A. PROENÇA — "Como se ensina Geografia" — Bibliot. de Educação — vol. VII — Melhoramentos de S. Paulo — S. Paulo — 104 págs. + 2.

AGUAYO — "Didática da Escola Nova" — Tradução de Damasco Pena e A. D'Ávila — Vol. 15 da Bibliot. Pedagógica Brasileira — Ed. Nacional — S. Paulo — 1932 — 420 págs.

ARCHIBALD GEIKIE — "The Teaching of Geography" — Mac Millan — Londres — 1887.

ATWOOD and THOMAS — "Teaching the New Geography" — Ginn and Company — Boston 1921 — 203 págs.

BAGLEY W. CH. — "The Educative Process" — Mac Millan Company — New York — 1928 — 358 págs.

BARTON & BUNTING — "The Preparatory Geography" — Oxford — 1923 — 112 págs.

CAMILLE VALLAUX — "Les Sciences Géographiques" — Félix Alcan — Paris — 1929 — 413 págs.

CALVIN KENDALL and GEORGE MIRICK — "How to teach the Fundamental Subjects" — Houghton Mifflin Company — Boston — 329 págs.

CHARLES A. MC MURRY — "Special Method in Geography" — New edition — Mac Millan Company — New York — 1922 — 215 págs.

CHARLES A. MC MURRY — "A Teacher's Manual of Geography" — Mac Millan — New York — 1903 — 104 págs. + apêndice 16 págs.

CHARLES A. MC MURRY — "Elements of General Method" — The Mac Millan Company — 331 págs.

CH. LETOURNEAU — "L'évolution de l'éducation" — Vigot Frères — Paris — 1898 — 617 págs.

CITY OF BALTIMORE — "Geography" — Course of Study for Junior High Schools — Division of Secondary Education — 1926 — 344 págs.

CLAUDE C. CRAWFORD and LOIS F. MC DONALD — "Modern Methods in Teaching Geography" — Houghton Mifflin Comp. — Boston — 1929 — 306 págs.

COLE P. R. — "The Method and Technique of Teaching" — Oxford University Press — 1933 — 388 págs.

DELGADO DE CARVALHO — "As Ciências Sociais na Escola Secundária" — Pongetti — "Um Grande Problema Nacional" — (estudos sobre o ensino secundário) — 1940 — 27 a 52) — 347 págs.

DELGADO DE CARVALHO — "Sociologia e educação — Biblioteca de Cultura Científica — Editora Guanabara — 1934 — 228 págs.

DELGADO DE CARVALHO — "Metodologia do Ensino Geográfico" — Francisco Alves — Rio — 1925 — 220 págs.

E. EHRLICH SMITH — "Teaching Geography By Problems" — Doubleday Page & Company — 1926 — 306 págs.

- E. M. BUTTERWORTH — "The Teaching of Geography in France" — Blacleia and Son Limited — 1922 — Glasgow.
- EZEQUIEL SOLANA — "Organizacion Escolar" — Edit. Magisterio Español — Madri — 476 págs.
- E. S. G. BRADFORD — "School Geography" — Ernest Benn, Limited — London — 1925 — 104 págs.
- EMM. DE MARTONNE — "Traité de Geographie Physique" — Armand Colin — Paris — 3 vols., 1.º vol. 5.ª edição 1934 — 496 págs. e 4 planisférios — 2.º vol. 5.ª edição 1940 — (499 — 1057) — 3.º vol. 5.ª edição 1932 — (1061 — 1518).
- EMM. DE MARTONNE — "Abrégé de Geographie Physique" — Armand Colin — Paris — 3.ª edição 1932 — 355 págs.
- FRANCIS W. PARKER — Trad. de Ramon F. Villa de Rey — "Como se debe estudiar la Geografia" — Daniel Jorro — Madri — 1915 — 500 págs.
- FRANZ SCHNASS Y ADOLF RUDE — Trad. de Francisco Payarols — "Enseñanza de la Geografia — Ens. de la Historia y Educ. Civica" — Edit. Labor, J. A. — Barcelona — 1937 — 333 págs. (1 — 149) — El Tesoro del Maestro.
- FRANZ SCHRADER — "The Foundations of Geography in the Twentieth Century" — Oxford — 1926 — 26 págs.
- FREDERICK L. HOLTZ — "Principles and Methods of Teaching Geography" — Mac Millan Company — New York — 1913 — 359 págs.
- F. RATZEL — "Geografia Dell'Uomo" (antropogeografia) — Frateli-Bocca — Milão — 1914 — 596 págs.
- FRANÇOIS GUEX — "Historie de L'Instruction et de L'Education" — 2.ª edição — Payot Lausanne e F. Alcan — Paris — 1913 — 724 págs. — 138 gravuras.
- G. LOMBARDO — RADICE — "Lecciones de Didactica" — Edit. Labor S. A. — Barcelona — 1933 — 483 págs.
- GEORGE J. MILLER — "Geography-How to Teach it" — Mc Knight & Mc Knight — Bloomington — 1934 — 181 págs.
- GIBBS-LEVASSER Y SLUYS — "La enseñanza de La Geografia" — Prólogo — Tradução e bibliografia de A. do Rêgo — 2.ª ed. — Edições da Leitura — *Ciencia y educacion* — Madri — 1918 — 176 págs.
- HENRY C. MORRISON — "La Pratica Del Metodo en La Enseñanza Secundaria" — Espasa — Calpe S. A. — Ediciones de "La Lectura" — Madri — 1930 — 181 págs.
- HARL DOUGLAS — "Modern Methods in High-School-Teaching" — editor — Houghton Misslin Comp. — Boston — 1926 — 544 págs.
- J. CAPISTRANO DE ABREU — "Capítulos de História Colonial" (1500-1800) — Edição da Sociedade Capistrano de Abreu — F. Briguier & Cia. — Rio 1934 — 246 págs. — 3.ª edição.
- J. CAPISTRANO DE ABREU — "Ensaio e Estudos" (Crítica e História) — 2.ª série — Edição da Sociedade Capistrano de Abreu — Briguier — Rio 1932 — 370 págs. — (Especialmente das págs. 39 a 45 — "A Geografia do Brasil").
- J. SERRANO — "A Escola Nova" — Schmidt Editor — Rio — 1932 — 198 págs.
- J. DANTIN CERECEDA — "Como se ensina La Geografia" — Publ. de la Revista de Pedagogia — Madri — 1923 — 46 págs. + 1.
- JOSEPH LINDSEY HENDERSON — "Materials and Methods in the Middle Grades" — Ginn and Company — Boston — 1928 — 375 págs.
- JAMES FAIRBRIENE — "Geography in School" — University of London Press Ltd. — 1926 — 364 págs.
- JEAN BRUNHES — "La Geographie Humaine" — Félix Alcan — Paris — 1934 — 3 vols. 1.º e 2.º vols. — 987 — 3.º vol. — 136.
- JOHN DEWEY — "Democracia e Educação" — Trad. de G. Rangel e Anísio Teixeira — vol. 21 da Biblioteca Pedagógica Brasileira — C. Editora Nacional — 1936 — 439 págs.
- KONRAD KRETSCHMER — "Historia de la Geografia" — Editorial Labor S. A. — Barcelona — 1930 — 200 págs. e 16 ilustrações.
- LOURENÇO FILHO — "Introdução ao Estudo da Escola Nova" — Biblioteca de educação vol. XI — Melhoramentos de S. Paulo — São Paulo — 1930 — 235 págs.
- LOURENÇO FILHO — "Estatística e Educação" — conferência pronunciada "no curso de informações" do I. B. G. E. em Julho de 1938 — publicada na Revista Brasileira de Estatística do I. B. G. E. — Ano I, n.º 1 — Janeiro-Março — 1940 — de págs. 66 à 85.
- MENDEL BRANOM and FRED BRANOM — "The Teaching of Geography" — Ginn and Company — 1921 — 292 págs.

- MENDEL BRANOM — "A Teacher's Geography" — emphasizing the problem Method — Mac Millan — New York — 1928 — 252 págs.
- MARRISON H. G. — "The Practice of Teaching in the Secondary School" — The Univers of Chicago Press, 1936 — 688 págs.
- MONROE W. S. — "Directing Learning in the High School" — Double-day, Doran and Company — New York — 1927 — 576 págs.
- PEDRO C. SANCHEZ — "Evolucion de la Geografia" — Publicação n.º 12 do Inst. Panamericano de Geografia e História — 2.ª edição — México, D. F. — 1938 — 24 págs.
- P. DEFFONTAINES — "Petit Guide du Voyageur Actif" — Pub. U. T. O. — Issoudun — Laboureur Cid. — 1938 — 12 págs.
- PARKER C. CH. — "Methods of Teaching in High Schools" — Ginn and Company — 529 págs.
- POUR L'ENSEIGNEMENT — R. — "L'information Geographique" — J. B. Baillièrre et fils — Paris — n.º 4 — 1937 — n.º 2 — 1939 — n.º 2 — 1936 — n.º 3 — 1938 — n.º 2 — 1938 — n.º 1 — 1938 — n.º 3 — 1939.
- PAUL MONROE — "Historia de la Pedagogia" — Bibliot. Ciencia y educacion — Tradução de Maria Maezty — Ediciones de La Lectura — 4 vols. 1.º vol.: 1930 — 311 págs.; 2.º vol.: 1924 — 184 págs.; 3.º vol.: 1929 — 337 págs.; 4.º vol.: 1930 — 257 págs.; Ed. Espasa — Calpe S. A. Madri.
- R. L. ARCHER — W. LEWIS and H. E. CHAPMAN — "The Teaching of Geography in elementary schools" — A. & C. Bloch Ltd. — Londres — 1918 — 259 págs.
- RAFFAELE RESTA — "L'educazione del Geografo" — Biblioteca Pedagogica Antica e Moderna Italiana e Straniera — vol. XLII — Albrighi, Segati & Cia. — 1922 — 412 págs.
- REDWAY — "Teacher's Manual of Geography" — D. C. Heat & Comp. — Boston — 1889 — 174 págs.
- RICHARDS SEYFERT — "Práticas Escolares" — Biblioteca de Iniciación Cultural — Labor S. A. — Barcelona — 1929 — 188 págs. e 16 ilustrações.
- RIDGLEY - RUSSEL — "Junior High School Geography" — Mc. Knight e Mc. Knight — Bloomington — Illinois — 1934 — 160 págs. acompanhado de dez testes.
- RIDGLEY - RUSSEL — "Eastern Continents" — Mc. Knight e Mc. Knight — Bloomington — Illinois — Revised 1938 — 127 págs. acompanhado de dez testes.
- RIDGLEY - HOWE — "Western Continents" — Mc. Knight e Mc. Knight — Bloomington — Illinois — acompanhados de dez testes.
- ROBERTO ALMAGIA — "La Geografia" — Instituto per la Propaganda della Cultura Italiana — Roma — 1919 — 109 págs.
- S. FRÓIS ABREU — "A Riqueza Mineral do Brasil" — Brasiliana — vol. 102 — Companhia Editora Nacional — S. Paulo — 1937 — 383 págs.
- SYDNEY L. PRESSEY ET LUELLA COLE PRESSEY — "Initiation à Le Method des Tests" — Tradução de R. Duthil — Delagrave Paris — 1925 — 262 págs.
- THE GEOGRAPHICAL ASSOCIATION — "A Scheme for a First Course in Geography" — 1919 — Prefácio de G. B. Fawcett — Londres — 16 págs.
- THE KINGSWAY SERIES — "Tests of Progress Geography" — Evans Bros. — Londres — 37 págs.
- THE THIRTY — SECOND YEAR-BOOK OF THE NATIONAL SOCIETY FOR THE STUDY OF EDUCATION — "The Teaching of Geography" — Prepared Society's Committee on The Teaching of Geography — Edited by Cuy Montrose Whipple — Public. School Publishing Company Bloomington, Illinois — 1933 — 615 págs.
- THAYER V. I. — "The Passing of the Recitation" — D. C. Heath and Company — 1928 — 311 págs.
- W. L. G. JOERG — "Recent Geographical Work in Europe" — Reprinted from the Geographical Review — Vol. XII, n.º 3 — July 1922 — American Geographical Society — New York — 431 — 484.
- W. MORRIS DAVIS — "Physical Geography" — Ginn & Comp. — Boston — 1898 — 432 págs. acompanhado de 9 quadros.
- W. MORRIS DAVIS — "Practical Exercises in Physical Geography" — Ginn & Comp. — Boston — 1908 — 148 págs.
- WILLIAM J. SOUTHERLAND — "The Teaching of Geography" — Scott, Foresman and Company — Chicago — 1909 — 312 págs.
- W. A. LAY — "Manual de Pedagogia" — 2.ª edição — Biblioteca Pedagógica — Publicação da Revista de Pedagogia — Madri — 1931 — 214 págs.
- YOAKAM G. A. and SIMPSON R. G. — "An Introduction to Teaching and Learning" — Mc. Millan — New York — 1937 — 498 págs.

RESUMÉ

Le professeur Jorge Zarur, Membre du D. C., s'occupe, dans ce travail, de l'enseignement de la Géographie dans le cours secondaire.

L'auteur, dans la première partie — L'enseignement de la géographie et ses objectifs dans le Cours Secondaire — commence par établir le concepte de géographie et l'évolution de son enseignement dans l'antiquité, dans le moyen âge, dans la renaissance et dans les temps modernes; tout en cherchant à démontrer comment les éducateurs et les géographes de grande renommée enseignaient cette matière.

En étudiant les objectifs de l'enseignement de la géographie dans le cours secondaire, l'auteur présente l'opinion de plusieurs auteurs et conclue que la géographie dans le cours secondaire a pour finalité de mettre en évidence la dépendance qui existe entre la terra et l'homme, enfournaissant à l'élève une vision du cadre de la réalité géographique dans lequel il va exercer son activité.

Après avoir montré les objectifs de la géographie dans le cours secondaire, l'auteur fait une étude comparative de l'enseignement de la géographie dans les États Unis, en Angleterre, en France, en Allemagne et au Brésil.

Dans l'enseignement de la géographie du Brésil, l'auteur établit un parallèle entre les anciennes et les modernes méthodes d'enseignement de la géographie dans le cours secondaire, dont les programmes l'auteur étudie depuis l'époque de l'empire, à travers un résumé historique, en indiquant les objectifs principaux de cette matière pour ce qui se rapporte à notre patrie et qui peuvent servir d'élément d'intensification ou, peut-être, même, de création du sentiment le plus élevé de civisme.

Dans la seconde partie, qui se dénomine: "Aspects techniques de l'enseignement de la géographie dans le cours secondaire", l'auteur fait tout d'abord une étude de l'organisation matérielle de l'enseignement de la géographie, en indiquant le matériel approprié et les avantages de son fréquent emploi.

Lorsque l'auteur se rapporte aux excursions, il dit qu'elles ne doivent pas prendre le caractère touristique, l'intérêt doit être porté exclusivement sur des choses qui sont communes et typiques de la région.

L'auteur s'occupe, ensuite, de l'enseignement socialisé de la géographie, en montrant comment la géographie est la matière qui se prête le mieux à cette modalité d'enseignement.

L'auteur présente ensuite les meilleurs procédés pour obtenir la confirmation des résultats de l'enseignement et donne préférence à l'emploi des *tests* en utilisant les anciennes méthodes de composition et d'essais.

L'auteur, en finissant son travail, présente plusieurs conclusions qui résument sa manière particulière d'envisager la géographie dans l'enseignement secondaire, quant aux nécessités et objectifs principaux.

Pour les personnes qui s'y intéressent, le professeur Jorge Zarur présente une longue bibliographie comprenant l'enseignement de la géographie.

RESUMEN

El profesor Jorge Zarur, miembro del D. C., estudia en ese trabajo la enseñanza de la geografía en el curso secundario.

El autor en la primera parte, "La enseñanza de la geografía y sus objetivos en el Curso Secundario", comienza estableciendo el concepto de geografía, la evolución de su enseñanza en la antigüedad, en la edad media, en el renacimiento y en los tiempos modernos; buscando mostrar como los educadores y los geógrafos de nombradía enseñaban esa ciencia.

Al estudiar los objetivos de la enseñanza de la geografía en el curso secundario, presenta la opinión de varios autores y concluye que la geografía en el curso secundario tiene en mira esclarecer la interdependencia de la Tierra y del hombre, forneciendo al educando el conocimiento del lugar adonde vive y de los factores de interrelación de los fenómenos, revelándole el cuadro de la realidad geográfica en el cual va ejercer sus actividades.

Después de mostrar los objetivos de la geografía en el curso secundario, hace un estudio comparativo de la enseñanza de la geografía en los Estados Unidos, en Inglaterra, en Francia, en la Alemania y en el Brasil.

En la enseñanza de la geografía en el Brasil establece el autor un paralelo entre los antiguos y modernos procesos adoptados en el curso secundario, cuyos programas estudia desde el tiempo del segundo imperio en un esbozo histórico, indicando los principales objetivos de esa disciplina en la parte referente a la nuestra Patria, que puede funcionar como un elemento intensificador y quizá mismo creador del más elevado sentimiento de civismo.

En la segunda parte, que llamó "Aspectos técnicos de la enseñanza de la geografía en el curso secundario", el profesor J. Zarur hace primeramente un estudio de la organización material de la enseñanza de la geografía, indicando el material apropiado y las ventajas de su empleo frecuente.

Cuando se refiere a las excursiones dice que no deben tener carácter turístico, pues que deben interesarse solamente en aquello que es común y típico en una región.

Trata en seguida de la enseñanza socializada en geografía y muestra que esta es la ciencia que más se adapta a esa modalidad de enseñanza.

Presenta después el autor los procesos más convenientes de verificación de la aprendizaje, concluyendo por el empleo de los testes con los antiguos métodos de composición y ensayos.

Termina el Prof. Jorge Zarur su trabajo presentando varias conclusiones que resumen su manera particular de apreciar la enseñanza de la geografía en el curso secundario cuanto a las necesidades y sus objetivos principales.

Para los interesados el autor presenta una extensa y especializada bibliografía referente a la enseñanza de la geografía.

RIASSUNTO

Il professor Jorge Zarur, membro del D. C., studia in questo articolo l'insegnamento della geografia nella scuola secondaria.

Nella prima parte — "L'insegnamento della geografia e i suoi fini nella scuola secondaria" — l'autore fissa il concetto di geografia ed espone l'evoluzione dell'insegnamento di questa disciplina nell'antichità, nel medio evo, nel rinascimento, e nell'età moderna; cercando di mostrare come gli educatori e i geografi più rinomati la insegnavano.

Studiando lo scopo dell'insegnamento della geografia nella scuola secondaria, espone le opinioni di vari autori e conclude che la geografia in codesta scuola mira a chiarire la interdipendenza della Terra e dell'uomo, e a dare allo studente nozioni sul luogo in cui vive e sui fattori di relazione reciproca dei fenomeni, rendendogli familiare l'ambiente geografico in cui svolgerà la sua attività.

Passa poi l'autore a uno studio comparativo dell'insegnamento della geografia negli Stati Uniti, in Inghilterra, in Francia, in Germania e in Brasile. Confronta i metodi moderni dell'insegnamento geografico, nella scuola secondaria brasiliana, con gli antichi. Esamina i programmi scolastici, a partire dall'epoca del Secondo Impero, e indica i fini principali per la nostra Patria, di tale insegnamento, che può costituire un fattore d'intensificazione, o anche di creazione di alti sentimenti civici.

Nella seconda parte — "Aspetti tecnici dell'insegnamento della geografia nella scuola secondaria" —, l'autore tratta dell'organizzazione materiale dell'insegnamento della geografia, indicando i mezzi adatti, e spiegando i vantaggi del loro uso frequente.

Quanto alle escursioni, scrive che non dovrebbero avere carattere turistico, anzi dovrebbero mirare a diffondere la conoscenza di ciò che è comune e tipico di ciascuna regione. Mostra che la geografia è una delle materie che meglio si presta all'insegnamento socializzato; studia la maniera più adatta per verificare il profitto degli studenti, e conclude che il metodo migliore consiste nell'associare "tests" all'antico sistema di componimenti e saggi.

Infine riassume il suo punto di vista sull'insegnamento della geografia, le sue necessità e i suoi scopi.

L'articolo è corredato di un'ampia bibliografia.

SUMMARY

Professor Jorge Zarur, member of the D. C., studies in the present work the teaching of Geography in the Secondary course.

In the first part, "The teaching of geography and its objective in the secondary course", the author starts by establishing the conception of Geography, the evolution of teaching in ancient times, in the middle ages, in the Renaissance and in modern times, endeavouring to show how educators and teachers of renown used to impart the knowledge of this discipline.

While studying the objective of the teaching of geography in the secondary course he presents the opinion of various authors and reaches the conclusion that geography in the secondary course has for its aim establishing the interdependence between the Earth and Man, while furnishing the student the knowledge of the place where he lives and of the factors of inter-relation of the phenomena revealing to him the picture of the geographic reality wherein he is going to exert his activities.

After demonstrating these objectives he makes a comparative study of the teaching of geography in the U. S. A., England, France, Germany and Brazil.

Referring to the teaching of geography in Brazil the author establishes a parallel between the ancient and modern methods adopted in the secondary course, the programs of which he has studied since the time of the second Brazilian Empire in an historical outline, where he points out the main objectives of this discipline in the part concerning our Mothercountry, which can function as an element to intensify and, perhaps, even to create the highest civic sentiment.

In the second part, entitled "Technical Aspects of the Teaching of Geography in the Secondary Course", Professor J. Zarur first makes a study of the material organization of the teaching of geography indicating the proper material and the advantage to be obtained from its frequent use.

When referring to excursions he says that they should not be of a tourist character, but should be of interest only in that which is common and typical in the region.

Next he deals with socialized teaching in geography, showing that geography is the discipline which serves best for this modality of teaching.

He goes on to submit the most convenient process of checking what has been learnt, favouring the use of tests with the old system of composition and essays.

He ends his work by presenting various conclusions which embody his own particular way of facing the teaching of geography in the secondary course as to its needs and main objectives. For those interested in the subject he gives a long and specialized bibliography referring to the teaching of geography.

ZUSAMMENFASSUNG

Prof. Jorge Zarur, Mitglied des D. C., behandelt im vorliegenden Werk den Geographieunterricht im sekundaeren Lehrgang.

Im ersten Teil "Der Geographieunterricht und seine Unterrichtsgegenstaende im sekundaeren Lehrgang", beginnt der Autor mit der Festlegung des Begriffes Geographie. Er erklart die Entwicklung des Unterrichtes vom Altertum ueber das Mittelalter und die Renaissance bis zur Neuzeit; er versucht zu zeigen, wie die beruehmtesten Lehrer und Geographen diesen Unterrichtszweig lehrten.

Bei der Behandlung der Unterrichtsgegenstaende des Geographieunterrichts im sekundaeren Lehrgang erwaehnt er die Meinung verschiedener Autoren und folgert daraus, dass dieser Unterricht vor allem die Abhaengigkeit des Menschen von der Erde klar machen soll, indem er dem Schueler die Kenntnis seines Lebensraums und die Tatsachen des Verhaeltnisses der Naturerscheinungen zueinander uebermittelt; er enthuehlt ihm das Bild der geographischen Wirklichkeit, in dem er seine Taetigkeit ausueben soll.

Nach diesen Hinweisen auf die Themen des Geographieunterrichts im sekundaeren Lehrgang beschaeftigt er sich mit dem Vergleich des Geographieunterrichts in den Vereinigten Staaten, England, Frankreich, Deutschland und Brasilien.

Der Autor stellt fuer den Geographieunterricht in Brasilien eine parallele zwischen den alten und neuen Methoden bei der Geographielehre auf. Er untersucht deren Programme von der Zeit des II. Kaiserreichs an, im Verlauf einer kurzen historischen Skizze, indem er die hauptsaechlichsten Unterrichtsgegenstaende dieses Lehrzweiges, die sich auf unser Vaterland beziehen, darstellt, und er ist der Ansicht, dass diese Lehre als ein belebendes Element wirken und vielleicht sogar Schoepfer des erhabendsten Gefuehles der Buerkertugend sein koenne.

Im zweiten Teil "Die technischen Mittel des Geographieunterrichtes des sekundaeren Lehrganges" legt Prof. J. Zarur zuerst die Moeglichkeiten der Materialbeschaffung fuer den Geographieunterricht dar, indem er auf das nuetzlichste Material und die Vorteile seines haeufigen Gebrauchs hinweist.

Wenn er sich dann auf die Expeditionen bezieht, warnt er davor, dass sie nicht einen turistischen Charakter haben duerften, sondern dass sie sich ausschliesslich fuer die Dinge interessieren duerften, die allgemein und typisch fuer die betreffende Gegend seien.

Im Folgenden behandelt er den sozialisierten Geographieunterricht. Er beweist, dass die Geographie der Lehrzweig ist, der sich am besten zu dieser Art des Unterrichtes eignet.

Darauf stellt der Autor die praktischsten Moeglichkeiten zur Verwirklichung des Lehrprogramms dar, indem er sie aus den Ergebnissen der Zusammenstellung alter Methoden und moderner Versuchen heraus folgert.

Prof. Jorge Zarur beschliesst sein Werk mit verschiedenen Darlegungen, welche seine personliche Art, den Geographieunterricht im sekundaeren Lehrgang zu fuehren, seine Notwendigkeiten und Hauptunterrichtsgegenstaende zusammenfassen.

Fuer Interessenten stellt Prof. Jorge Zarur eine ausgedehnte und auf den Geographieunterricht spezialisierte Bibliographie auf.

RESUMO

Prof. Jorge Zarur, membro de la Centra Direktorio, studas en tiu verko la instruadon de geografio ĉe la Duagrada Kurso.

La aŭtoro ĉe la unua parto "La instruado de geografio kaj de ties celoj ĉe la Duagrada Kurso" komencas fiksan la koncepton pri geografio, la evoluadon de ĝia instruado en la antikvaj tempoj, en la mezepoko, en la renesanco kaj en la modernaj tempoj, serĉante montri kiel la edukistoj kaj geografiistoj instruadis tiun lernobjekton.

Studente la celojn de la instruado de geografio ĉe la duagrada kurso li prezentas la opinion de diversaj aŭtoroj kaj konkludas, ke la geografio ĉe la duagrada kurso celas klarigi la interdependecon inter la Tero kaj la homo, liverante al la edukato la konon de la loko, en kiu li vivas, kaj de la faktoroj de interrilato de la fenomenoj, konigante al li la kadron de la geografia realaĵo, ĉe kiu li plenumos siajn aktivecojn.

Montrinte la celojn de la geografo ĉe la duagrada kurso, li kompare studas la instruadon de geografio en Usono, Anglujo, Francujo, Germanujo kaj Brazilo.

Ĉe la instruado de geografio en Brazilo la aŭtoro faras komparon inter la antikvaj kaj la modernaj procedoj de instruado de geografio ĉe la duagrada instruado, kies programojn li studas ekde la tempo de la dua Imperio, tra historia skizo, montrante la ĉefajn celojn de tiu lernobjekto ĉe la parto rilata al nia Patrujo, kiuj povas funkcii kiel intensiga elemento kaj eble eĉ kiel kreanto de la plej alta sento de civitismo.

Ĉe la dua parto titolita "Teknikaj aspektoj de la instruado de geografo ĉe la duagrada kurso", porf. J. Zarur faras unue studon pri la materia organizado de la instruado de geografio, indikante la taŭgan materialon kaj la profitojn de ĝia ofta uzado.

Kiam li pritraktas pri la ekskursoj, li diras, ke ili ne devas havi turisman karakteron, sed interesi nur pri tio, kio estas vulgara kaj tipa en iu regiono.

Poste li traktas pri la socialigita geografia instruado, montrante kiel la geografio estas la lernobjekto kiu pli bone taŭgas por tiu ĉi instrua variaspekto.

Sekve la aŭtoro prezentas la plej taŭgajn procedojn pri kontrolado de la lernado kaj konkludas ke estas preferinda la uzado de l' testoj kun la antikvaj metodoj de verkado kaj provo.

Prof. Jorge Zarur finas sian verkon prezentante diversajn konkludojn, kiuj resumas sian privatan manieron rigardi la instruadon de geografio ĉe la duagrada kurso, koncerne al ĝiaj ĉefaj celoj.

Por la interesuloj prof. Jorge Zarur prezentas longan kaj specialigitan bibliografion rilatan al la instruado de geografio.